

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, COMUNICAÇÃO, LETRAS E ARTES**

Juliana Garcia Feldens

**Casa Líquida:
a criação de valor e de outras economias no exercício da
desobediência**

MESTRADO EM COMUNICAÇÃO E SEMIÓTICA

São Paulo

2021

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, COMUNICAÇÃO, LETRAS E ARTES

Juliana Garcia Feldens

Casa Líquida:
a criação de valor e de outras economias no exercício da
desobediência

Dissertação apresentada a Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do Título de MESTRE em Comunicação e Semiótica na Linha de Pesquisa Dimensões Políticas na Comunicação, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Christine Greiner.

São Paulo

2021

Juliana Garcia Feldens

Casa Líquida: a criação de valor e de outras economias no exercício da desobediência

Dissertação apresentada a Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do Título de MESTRE em Comunicação e Semiótica na Linha de Pesquisa Dimensões Políticas na Comunicação, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Christine Greiner.

BANCA EXAMINADORA:

Dr.^a Christine Greiner - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Dr. Peter Pál Pelbart – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Dr. Pedro Rabelo Erber - Waseda University

Para Heitor e Antonio.

AGRADECIMENTO

Agradeço a Dina e Lua pela força compartilhada, ao Ernesto por criar frestas, e a Christine Greiner por confabular comigo, sempre.

RESUMO

Esta dissertação analisa a “Casa Líquida” e o que resultou desta performance, que desenvolvo desde 2015, cuja ação é abrir a casa onde moro com meus filhos para outros usos e outras pessoas. A experiência que se originou desta prática, que envolveu centenas de artistas, passou a ser analisada a partir de uma lógica econômica, tendo a noção de “valor” como o elemento fundamental para esta reflexão. Para tanto, apresentamos questões nascidas de um movimento aracniano (em teia) e construímos uma fundamentação teórica com autores e autoras de diferentes áreas de conhecimento, como a filosofia, a economia, a educação, a arte e a comunicação com foco nos estudos do corpo. O fato de não existir valores monetários trocados dentro da casa, complexificou a discussão sobre quais valores tornam possíveis esta casa-performance, como é produzido “mais-valor” a partir da circulação que ela cria e que tipo de economia ela gere. Além destas indagações, o resultado dessa pesquisa refere-se a fazer pensar e agir em torno de temas correlatos como a alteridade, o corpo, as noções de sistema, entropia, criação e políticas para a vida.

Palavras-chave: performance, valor, movimento, economia, corpo, política

ABSTRACT

This dissertation analyzes “Casa Líquida” and what has resulted from this performance that I have been developing since 2015 whose action is to open the house where I live with my children for other uses and other people. The experience that originated from this practice and that involved hundreds of artists started to be analyzed from an economic logic, having the notion of “value” as a fundamental element for this reflection. To do so, we present questions born from an arachnian movement (in web), and we build a theoretical foundation with authors from different areas of knowledge, such as philosophy, economics, education, art and communication with focus on studies of the body. The fact that there are no monetary values exchanged inside the house complexifies the discussion about which values make this house-performance possible and how “more-value” is produced from the circulations it creates and what kind of economy it generates. In addition to these questions, the results of this research refer to making think and act around related themes such as alterity, the body, the notions of system, entropy, creation and politics for life.

Keywords: performance, value, movement, economics, body, politics

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	9
2. AUTOETNOGRAFIA	10
2.1. As fugas	11
2.2. A casa	19
3. ETNOGRAFIA DE UM TERRITÓRIO.....	37
3.1. A organização	38
3.2. A matéria	46
3.3. A operação	58
4. A ECONOMIA DO MOVIMENTO.....	75
REFERÊNCIAS.....	87

1 APRESENTAÇÃO

Há seis anos iniciei uma investigação teórica e imersiva sobre e sob uma performance realizada por mim, cuja ação conceitual era abrir nossa casa, onde moro com meus dois filhos, para um uso coletivo. Imbricar vida e pesquisa, nos empurrou para uma radicalidade que, definiu o que somos hoje e a maneira que escolhemos viver daqui para frente.

Por não haver separação entre viver e pesquisar, nossa rotina foi sendo construída por metodologias e técnicas que ressaltavam aquilo que, no momento, me interessava analisar. Isso resultou em uma escrita que também não separa minha trajetória, a aventura vivida neste instante e o modo de vida que virá a partir de hoje. Uma investigação que se sustenta em uma força que começa a se construir antes, se fortalece com os anos e se apresenta robusta no agora. Uma pesquisa-criação que se engendra em um tempo sobreposto, nas suas diversas camadas, na forma como as coisas se maturam e se tornam outras.

Estender a experiência vivida para um campo teórico e procurar outras vozes para compor com minhas reflexões, sobre o que nos acontecia, me encorajou a mergulhar profundamente e nunca recuar. Foram estes autores e autoras que me estimularam a desobedecer e ir fundo neste exercício de liberdade. Esta pesquisa é a defesa de um exercício de desobediência que começou há muito tempo, e que hoje se expressa nesta casa-território-manifesto, que delinheio a cada impulso de vida.

“Casa Líquida”, título da ação performática que deu início a esta aventura, é hoje o nome da casa onde moro. Nestes seis anos, eu e meus filhos recebemos no nosso espaço mais íntimo, mais de mil e seiscentos artistas que procuravam um lugar para morar e criar, sem nunca cobrar qualquer quantia monetária pelo uso. Durante este período, desenvolvi pesquisas com perspectivas distintas, mas há três anos meu olhar se concentra em descobrir o que a Casa Líquida produz, como espaço privado que empreende uma luta por outros contornos, e como experiência construída por centenas de corpos. A que se refere a abundância que sentimos viver? O que é, como se organiza e de onde jorra essa riqueza?

2 AUTOETNOGRAFIA



Meu pulso, março de 2021.¹

¹ Fonte: Acervo pessoal da autora.

2.1. As fugas

As fugas serão eternas. Aqui estou eu, de novo, tentando desarmar a armadilha.

Desta vez fui conduzida até ela pelas questões que orbitam minha condição de mulher aos 40 anos de idade. Os medos que se entranharam e a melancolia que resultou em mim, me fizeram desorientar e cair na arapuca.

Acordar e me olhar no espelho do banheiro não tem sido algo simples e lúdico como costumava ser. Uma equação confusa tem acontecido ali, penso ter subtraído coisas enquanto multiplicava outras, numa adição que me divide. O resultado é que não consigo ver quem sou neste momento e nem saber o que meu corpo realmente pode.

Na rede, algoritmos corrigem a mira e me atingem uma enxurrada de anúncios e de discursos ameaçadores sobre ser “mulher aos 40”, que me cegam e me ensurdecem, impossibilitando um olhar para a singularidade do meu corpo moldado pelas minhas experiências, e uma escuta para meus desejos e para o que de fato estimo.

Uma condição de mulher, e uma ideia de tempo incompatíveis com o reflexo que vejo no espelho. “Um discurso que, de certa forma, está dentro de mim sem ser completamente idêntico ao que entendo por minha identidade” (SAFATLE, 2015a, p. 190)². A história singular do meu corpo, a construção da minha sexualidade, meus hábitos de vida, minhas experiências, a maternidade, os encontros amorosos, as relações abusivas, os livros que li, os filmes que vi, minha infância num sítio, os esconderijos nas árvores, a casa cheia de música, minhas descobertas, minhas dores e frustrações, minhas alegrias e meus prazeres, as cartas de amor, as pistas de dança, tudo reduzido, achatado, descomplexificado numa generalização sufocante de mulher e em uma única ideia de tempo cronológico que me oprime e me prende a uma categoria de “idade”. Tudo para satisfazer o que parece ser um certo tipo de “compulsão” do sistema capitalista em classificar, categorizar, estabelecer equivalências entre pessoas, entre coisas, entre coisas e pessoas, pessoas e animais, animais e o mundo natural, mineral e orgânico (MBEMBE; GOLDBERG, 2018)³, para enfim torná-las mercadoria ou consumidoras destas mercadorias, num processo perverso e interminável de economização da vida.

E para ordenar e categorizar coisas, é indispensável que elas tenham um caráter imutável, contornos e formas bem definidas, para que possamos separá-las, medi-las, nomeá-

² SAFATLE, V. Dos problemas de gênero a uma teoria da despossessão necessária: ética, política e reconhecimento em Judith Butler”. Posfácio. In: BUTLER, J. **Relatar a si mesmo**: crítica da violência ética. São Paulo: Editora Autêntica, 2015.

³ MBEMBE, A; GOLDBERG, D. T. In Conversation: Achille Mbembe and David Theo Goldberg on ‘Critique of Black Reason’. [Entrevista cedida a] David Theo Goldberg. **Theory Culture & Society**, Johannesburg, jul. de 2018.

las, portanto, é importante termos o medo como afeto central para a manutenção desse sujeito de identidade inalterável, fixa e manejável.

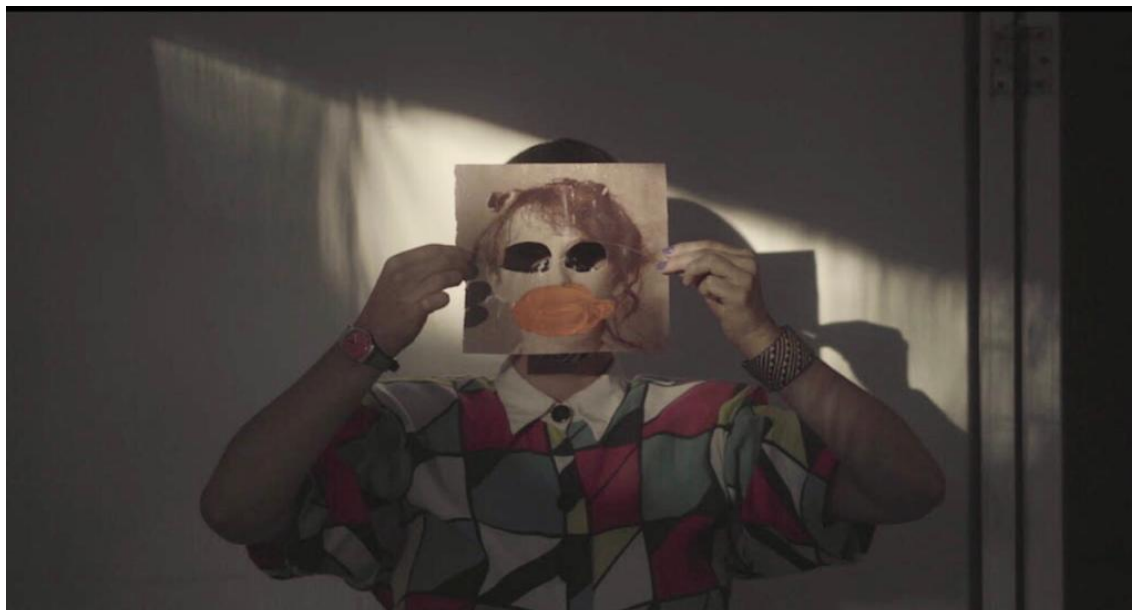
Mas eu, apesar de consciente deste processo, apesar de entendê-lo de um jeito especial a ponto de me tornar capaz de escrever a respeito, articulando ideia e experiência como faço agora, ainda acordo pela manhã e olho no espelho, aquele enigma mulher reflexo, e meu corpo se enche de melancolia. Fico pensando como escapar disto, destes dispositivos de poderes que me despotencializam e me tornam opaca a mim mesmo, para enfim encontrar o reflexo que me devolveria quem, de fato, posso ser. “Podemos mesmo dizer que o poder nos melancoliza e é desta forma que ele nos submete. Esta é sua verdadeira violência [...]” (SAFATLE, 2015a, p. 190).

Talvez pelo capitalismo ter assimilado a crítica estética, feita em meados dos anos 70 que lutava por mais liberdade e menos repressão (BOLTANSKI, CHIAPELLO, 2009)⁴, o poder tenha ficado mais sofisticado no que diz respeito a sua operação. Este poder a que sou submetida não é repressor. É um poder sedutor e enigmático, poder que produz subjetividades canalizando a força vital e modelando-a conforme suas necessidades políticas e econômicas. Difícil detectar e perceber a captura. Não entrevi o momento em que fui capturada, agora agonizo silenciosa em frente ao espelho procurando uma saída.

Mas para escapar é necessário primeiro entender a arquitetura da prisão que resguarda a cela, quais são, e como foram construídas as estruturas que a sustentam. Como escreve Judith Butler (2004)⁵, a crítica deve ser uma prática concreta, dirigida às estruturas e a quem as ergue. Localizar os discursos, epistemes, instituições que produzem e reproduzem esta identidade fixa que me aprisiona, para então planejar a fuga. E me preparar para a fuga é estar disposta a insurreição, a recusar tais atribuições, é despossuir-me dos predicados que me imputam e aceitar a indeterminação e a aventura de tomar para mim o trabalho de construir uma mulher que é única e singular.

⁴ BOLTANSKI, L e CHIAPELLO, E. **O novo espírito do capitalismo**. 1ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

⁵ SALIH, S.; BUTLER, J. (eds.). **The Judith Butler reader**. 1ª edição. Malden: Wiley Blackwell, 2004.



A artista Manuela Eichner⁶ em seu ateliê na casa, novembro de 2020.⁷

Nasci numa pequena cidade de colonização alemã no interior do Rio Grande do Sul. A obsessão às tradições europeias aliada à fidelidade aos ideais protestantes formou um grupo de pessoas de costumes e posições muito conservadoras. Morei em Lajeado até ter idade suficiente para fugir de lá. Se acredito que não há sujeito pré-discursivo e que ele se forma no encontro com enunciados, interpelações, nomeações, na recusa e conflitos que isso gera (BUTLER, 2004), consigo olhar com mais compreensão para a mulher que se formava naquele contexto e que aos quinze anos raspava a cabeça e usava roupas masculinas.

Minha insurreição, apesar de pacífica, gerava forças antagônicas àquelas que me condicionavam a um determinado comportamento. Meu cabelo raspado e as calças do meu avô, que eu prendia a cintura com um cadarço de tênis, gerava vetores contrários aos olhares dos mais velhos que julgavam silenciosos, e ao julgo dos mais novos que se expressava na forma de bullying. Curiosamente, a violência endereçada a mim, recheada de julgamentos morais e enquadramentos específicos, fortalecia minha recusa e me lançava a um mundo de experimentações subjetivas.

⁶ Manuela Eichner é artista visual e usou a casa em duas ocasiões. Em 2018 para coreografar a performance *Monstra*, e em 2020 para criar a série de colagens *oqueocorpolembra*.

⁷ Fonte: Acervo pessoal da autora.

Assim, se por um lado a locução aviltante fixa ou paralisa aquele a quem se dirige, pode, por outro, “produzir uma resposta inesperada que abre possibilidades”. (BUTLER, 2016 *apud* PRADO, 2016, p. 17)⁸.

Lá onde a humilhação desabou sobre o falante, pode despertar uma agência de contraponto, uma nova posição de sujeito. (PRADO, 2016, p. 16)⁹

Com dezoito anos elaborei minha primeira fuga e mudei para São Paulo, carregando a esperança de poder exercitar minha liberdade individual, livre das amarras grotescas dos discursos caretas que acreditava existir graças ao provincianismo e a um culto à etnia alemã presentes ali. Me neguei a aprender alemão, língua obrigatória na minha escola, como modo de me posicionar contra esta sujeição cultural, e logo que pude fui para longe daquela cidade, distante dos olhares nervosos daquelas pessoas desinteressantes.

Foi distante de Lajeado que descobri minha ingenuidade em pensar que deslocamentos geográficos ou grandes cidades, poderiam me libertar do destino de ser, para sempre, colada a identidades fixas.

Quatro anos depois me casei e com vinte e dois anos recebi o nome de “esposa”. Uma paixão juvenil que desencantou num casamento sufocante. A menina de calças frouxas e cabelo raspado, agora figurava nas fechadas rodas da elite paulistana, aprisionada numa apertada malha de ferro feita de discursos heteronormativos, machistas e misóginos que a enquadravam numa identidade de esposa e mulher que estava muito longe do que ela poderia imaginar desejar ser.

Iludida pela paixão, fui convencida a me encerrar numa casa enorme, com grandes portas de vidro que me privavam de um bonito jardim. Nesta casa, havia um cão treinado e muitas outras estratégias para defender suas fronteiras: cercas elétricas, dispositivos sonoros, arames cortantes, câmeras ocultas, guaritas blindadas. Ao lado da cama em que dormia havia um “botão de pânico” que deveria ser acionado caso alguma destas barreiras de segurança fossem rompidas. Hoje consigo enxergar que aquela “arquitetura prisional”, na verdade, era um esforço desesperado para eliminar qualquer vulnerabilidade, para afastar qualquer possibilidade de perda. Para impossibilitar qualquer acontecimento.

Tinha sido capturada por um discurso muito antigo, enjaulada em um nome de ‘esposa’, numa identidade de “mulher casada” que tinha sido erguida em mim lá na comunidade alemã da minha adolescência. Numa manobra capciosa do poder, fui induzida ao erro e caí na armadilha. A afirmação foucaultiana de que os dispositivos de poder não agem exatamente de

⁸ PRADO, J. A política do performativo em Butler. *In*: GREINER, C. (org.). **Leituras de Judith Butler**. São Paulo: Annablume, 2016. p. 15 – 35.

⁹ *Idem*

forma “repressiva”, a reprimir ações ou atitudes, mas de forma “produtiva”, produzindo sujeitos nos quais o poder opera, me ajuda a entender que as manobras e estratégias deste poder nos enredam silenciosamente entre seus tentáculos, roubam nosso corpo, e, sem percebermos, acabamos servindo à sua lógica e contribuindo para o seu fortalecimento.

A menina que raspava os cabelos e se expressava livremente pelas ruas daquela cidade pequena servia de resistência ao poder hegemônico, mas também sua existência garantia a existência daquele poder. Como escreve Michel Foucault (1976, p.122 *apud* SAFATLE, 2015a, p.188)¹⁰:

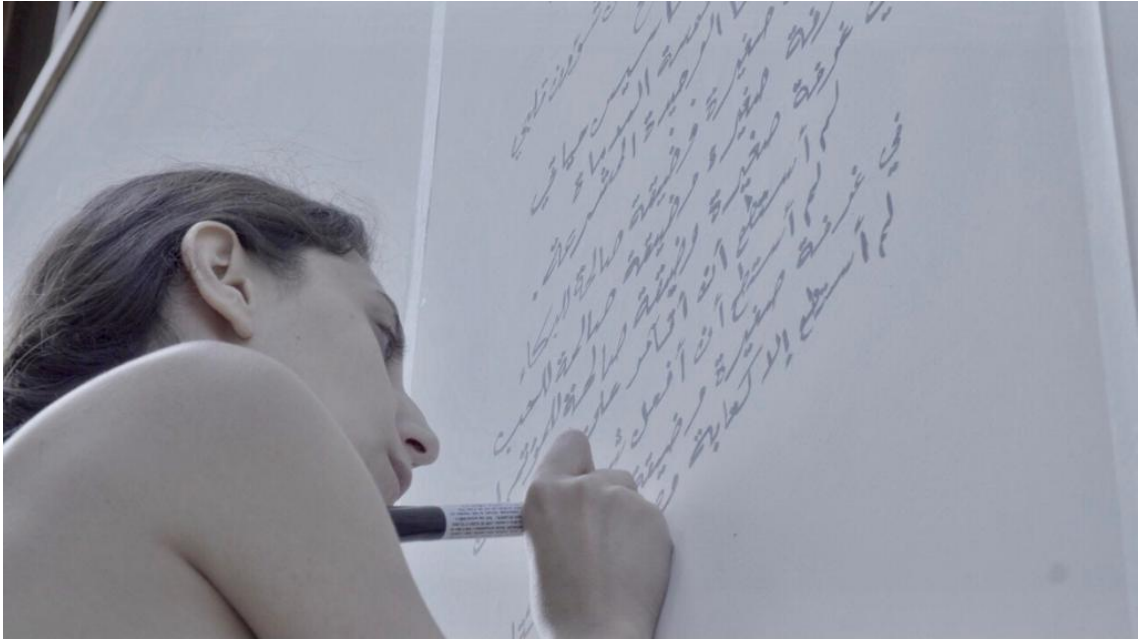
[...] por poder, parece-me que devemos inicialmente compreender a multiplicidade de relações de força que são imanentes ao domínio no qual elas se exercem, e que são constitutivas de sua organização; o jogo que pela via das lutas e afrontamentos lhes transformam, reforçam, invertem; os apoios que tais relações de força encontram umas nas outras de maneira a formar cadeia ou sistema, ou, ao contrário, as defasagens, as contradições que isolam umas das outras [...]

Este jogo de forças gerou uma identidade ‘mulher’ que mais tarde fui descobrir como operava mim. E como nem todas as formas de dominação são formas de opressão, foi mergulhada em um estado de paixão amorosa que me deixei levar pela toada da normatividade e fui privada de todas as outras possibilidades de existir.

Na casa-fortaleza em que me encarcerei, o medo proliferou dispositivos de segurança que me protegiam do “outro”, e de tudo o que esse outro poderia me tirar. Como escreve Vladimir Safatle (2015b, p. 17)¹¹ o medo é o “afeto político central (...), indissociável da compreensão de indivíduo, com seus sistemas de interesses e fronteiras a serem continuamente defendidos”. Segundo o autor, há nessa lógica uma construção do outro como inimigo, como aquele que pode me despossuir dos “predicados que possuo e que determinam a minha individualidade, os predicados dos quais sou proprietário” (SAFATLE, 2015b, p. 19). Um medo excessivo da invasão, da despossessão, que faz as pontes até o outro virarem grandes muros, e condena o indivíduo a um sujeito encapsulado, de corpo impenetrável, inviolável.

¹⁰ SAFATLE, V. Dos problemas de gênero a uma teoria da despossessão necessária: ética, política e reconhecimento em Judith Butler”. *Posfácio*. In: BUTLER, J. **Relatar a si mesmo**: crítica da violência ética. São Paulo: Editora Autêntica, 2015. p. 173 – 196.

¹¹ SAFATLE, V. **O circuito dos afetos**: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo. 1ª edição. São Paulo: Cosac Naify, 2015.



Yara Ktaisch¹², performer síria que morou na casa entre fevereiro e novembro de 2020.¹³

Aos vinte e sete anos virei ‘mãe’, o que provocou um sismo interno que ao longo dos anos resultaria numa imensa cratera impossível de ignorar. Os discursos sufocantes e amedrontadores do casamento e da maternidade, e a imensa necessidade de salvação de si e da prole que o ato de parir me gerou, passaram a protagonizar um embate na minha vida.

Para cuidar da prole eu precisaria me salvar, para me salvar eu precisaria me insurgir contra as identidades fixas, imutáveis e sacralizadas de “esposa” e “mãe” construídas no contexto político, econômico e social que eu vivia. Mas como fazer isso se o mesmo contexto me moldava impenetrável? Se, como escreve Butler (2015. p. 184), “somos despossuídos de nós mesmos em virtude de alguma forma de contato com o outro, em virtude de sermos movidos e mesmo surpreendidos pelo encontro com a alteridade”, como poderia criar novas formas de existir no mundo se pelo medo estava impedida dele?

Meu casamento me alçou a uma classe social muito acima da que vivi até meus vinte e dois anos, na verdade, ao topo. E pude entender o que é estar num lugar de poder apesar de, ou justamente por ser mulher e “a esposa”. Ser, dentro de uma identidade fixa, “mulher”, “esposa” e “mãe” neste contexto (assim como em todos os outros), possui suas especificidades. Seus privilégios, privações e perversidades.

¹²Yara é performer Síria e morou na casa entre março de 2020 e janeiro de 2021.

¹³ Fonte: Acervo pessoal da autora.

Em eventos sociais sempre fui um “acessório”, com uma certa função que nunca entendi, nem quis entender qual era. Ninguém olha para a esposa, ninguém dirige a palavra a ela a não ser para fazer um elogio a seus atributos físicos, e ainda assim com o intuito de agradar ao homem que está portando o acessório. Ser uma “boa mãe” neste contexto, está genuinamente ligado ao papel de “esposa submissa” e à uma desenvoltura para a função doméstica que consiste em manter a hierarquia e saber mandar nos empregados. Sempre fracassei nestes papéis, especialmente no que diz respeito a esse último quesito.

E esses contínuos fracassos foram produzindo em mim uma tristeza profunda que me entorpecia e me jogava num marasmo, numa sensação hipnótica. Butler (1997, p. 2 *apud* SAFATLE, 2015a, p. 190) explica que, “de certa forma, a melancolia aparece como uma das múltiplas formas, mas a mais paralisante, de aceitar ser habitado por um discurso que, ao mesmo tempo, não é meu, mas me constitui”.

Viver neste lugar é experienciar uma realidade econômica, política e social que te joga em uma vida de muito excesso e de muita escassez, onde é difícil vislumbrar um equilíbrio. Dinheiro em abundância entope os sentidos: você só vê o que quer, só ouve o que quer, só toca o que quer, só cheira o que quer, só come o que quer e tanto, com tantos excessos que em um certo momento você nem sabe o que, e se quer. Isso te impede de ver, escutar, sentir outras coisas que não sejam em função da sua satisfação imediata. Cair na tentação de usar o dinheiro somente para satisfazer suas vontades definha, e mata a chance de você usá-lo para criar intensidade: dinheiro como capital, como máquina de impulsão, como força transformadora (algo que fui entender alguns anos depois).

E quanto mais entupida sua visão, mais você perde a capacidade de enxergar, e de repente fica impossível você olhar fora dos muros, o olhar perde o alcance e você padece entre seus iguais.

Minha casa-fortaleza de outrora me oferecia a imobilidade, lá nada acontecia, nada aconteceu, por isso adoeci, e por sorte um dia, me lembrando da menina que fui, resolvi pular o muro. Esta foi minha segunda fuga.

Desta vez, meu deslocamento não foi somente geográfico, surgiu pela vontade de me despossuir, de me perder e de empreender uma desterritorialização da minha condição de mulher e de mãe, e assim aconteceu.



Inês Terra, performer argentina que usou a casa para pesquisas vocais entre 2017 a 2019.¹⁴

¹⁴ Fonte: Acervo pessoal da autora.

2.2. A casa

O nascimento é apenas isso, a impossibilidade de estar fora de uma relação de continuidade entre o nosso eu e o eu dos outros, entre a vida humana e a vida não humana, entre a vida e a matéria do mundo.

COCCIA, Emmanuele¹⁵

Minha experiência de “casa” variou bastante desde o meu nascimento. Nasci num sítio, onde dividia espaço com meus pais, meus irmãos, meus avós, muitas plantas e árvores que me serviam de cabanas e altos esconderijos. Com bichos de estimação e com galinhas, porcos e ovelhas que eram, eventualmente, nossa alimentação. Caí algumas vezes das árvores, e em uma das vezes desmaiei por alguns segundos, nunca me esqueci daquela sensação. Assim como nunca esqueci dos gritos dos animais quando entendiam que seriam mortos, e de como eram difíceis os almoços depois disso. Quando eu tinha oito anos mudamos para a cidade e passamos a morar em um apartamento. Morávamos eu, meus pais, meus irmãos, minha sobrinha bebê e uma prima. O apartamento tinha a varanda fechada e por isso eu precisava alongar o corpo para fora da estrutura para sentir o vento tocar o rosto. Eu amava a altura, a janela do meu quarto era como as cabanas que eu fazia nas árvores, me alçava do chão para o céu. Lembro de um dia jogar uma carta de amor pela janela para impedir minha mãe de ler. A distância do chão deixou meus segredos seguros.

Mudei para São Paulo com dezoito anos, sem minha família. Morei em alguns lugares até, quatro anos depois, me casar e ir morar na casa grande de portas de vidro que se fechavam para um jardim.

Não foi nada fácil pular o muro, escalar o concreto alto, passar entre as concertinas e pelos fios elétricos. Resgatar a menina altiva, insubmissa e criativa, enfrentar o medo entranhado, liberar a fúria e demonstrar desobediência. Desobedecer é criar uma dissonância na organização, na governabilidade (HARNEY; MOTEN, 2013)¹⁶ e permitir novamente o fluxo natural por ela interrompido. A organização trava os fluxos e impede você de encontrar, por um movimento natural e espontâneo, sua própria organização. Desobedecer a ordem é uma chance de você entender sua própria organização interna.

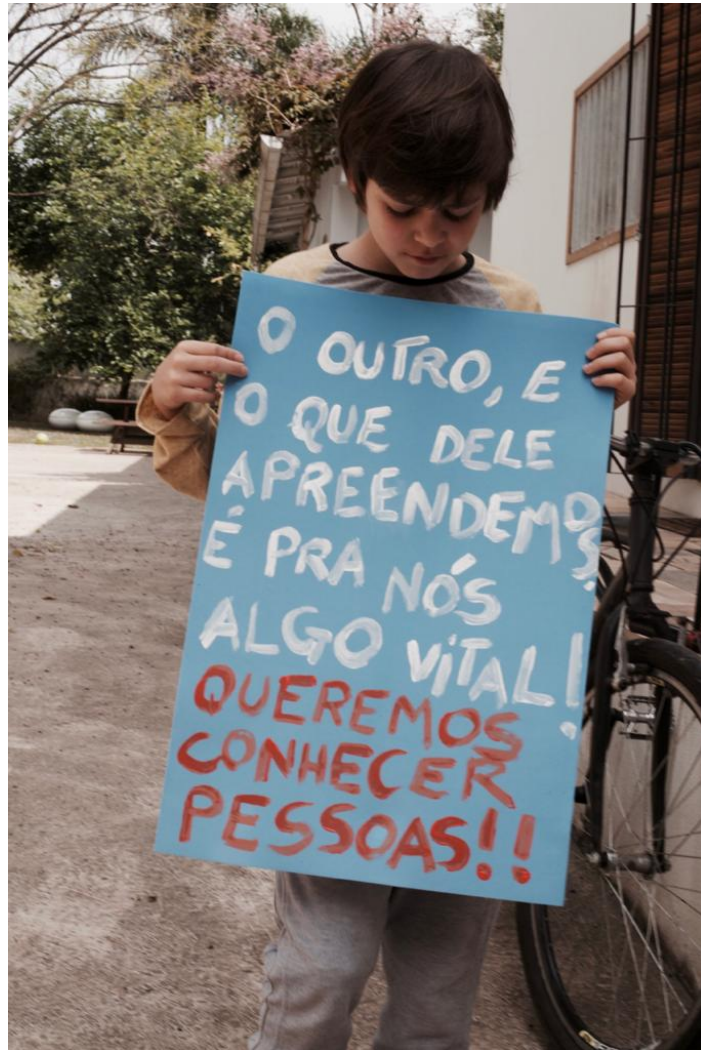
¹⁵ COCCIA, E. **Metamorfoses**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Dantes editora, 2020. p. 24

¹⁶ HARNEY, S.; MOTEN, F. **The undercommons**: fugitive planning and black study. 1ª edição. New York: Duke University Press, 2013.

Foi ao desobedecer que recuperei força e clareza para me insurgir contra a sujeição, contra a instituição casamento, contra a maternidade ditada. Aliás, foi o trabalho da maternidade e não o papel e dever de “mãe” me impostos, o disparador da minha insurreição. Parir criou um sismo, arrancou tudo do lugar. A vontade de criar filhos que possam ver além dos muros, de visão fluída, corpo poroso e sedentos do mundo, e poder criá-los sem precocemente morrer por asfixia ou desnutrição decorrentes da impossibilidade de outros modos de existir.

Cheguei ao outro lado do muro, para habitar um novo território com três formas de capital-dinheiro: uma casa, uma quantia de dinheiro para manter essa casa por dez anos e a garantia de poder custear uma graduação numa universidade particular. No começo por intuição, e nestes últimos dois anos conscientemente, escolho empregar este capital ganho para fazer girar uma economia que compreendo como afetiva e feminina. Na nossa casa se cria valor, circula valor e a experiência nela construída gera mais-valor, “um mais-valor de vida” (MASSUMI, 2020).

A casa que iria construir seria a antítese da última casa onde morei. Uma casa que seria também fortaleza, mas desta vez, por ter fronteiras flexíveis.



Heitor na casa em 2015. Foto que postaria nas redes sociais.¹⁷

¹⁷ Fonte: Acervo pessoal da autora.

Cada metro quadrado deste lugar foi profundamente desejado e celebrado por mim, porque acreditava que colocar os pés deste lado do muro seria conquistar um território livre. Queria que minha casa fosse um lugar onde pudesse entender minha própria organização e estava disposta a lutar por isso com todo o meu corpo.

Heitor tinha nove e Antonio cinco anos quando ocupamos o lado de cá. Abriu-se um pequeno portão para ligar os dois terrenos, porque eles sempre teriam a permissão e o estímulo para ultrapassar a fronteira e viver plenamente os dois mundos.

Foi cursando Comunicação das Artes do Corpo, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, curso que ingressaria um ano depois, que descobri uma maneira de empreender a desobediência. Na metade do primeiro ano, numa disciplina sobre performance, idealizei uma ação performativa que consistia em abrir minha casa a um uso coletivo. Os corpos envolvidos nesta ação seriam o meu, o do Heitor, o do Antonio e o da casa. A ideia era performar ao longo dos três anos e meio de curso para, ao final dele, escrever um trabalho de conclusão sobre esta performance e suas consequências.

A esta ação dei o nome de “Casa Líquida”, e foi a partir dela que habitamos e povoamos este novo território. Ao expandir esta ação para um campo teórico e fazer desta experiência uma matéria de pesquisa, nosso dia a dia foi sendo construído sobre e sob a observação e as metodologias aplicadas, o que nos impeliu à aventura e nos permitiu descobrir um outro modo de vida.

O início do movimento aconteceu quando posteí nas redes sociais fotos dos meninos com o dizer: ‘Queremos conhecer pessoas!’. Se compararmos minha busca com o fazer de uma aranha ao fiar sua teia, tornar esta vontade pública, na forma de um pedido, foi como jogar um fio de seda ao vento e esperar para ver aonde ele pousaria. Ele pousou e trouxe um grupo de mulheres que ensaiou um espetáculo de teatro na sala de casa por três meses.¹⁸ “Mas será possível dizer que a aranha tem o projeto de tecer sua teia? Não creio. Melhor dizer que a teia tem o projeto de ser tecida.” (DELIGNY, 2015, p.16)¹⁹. Não houve e não há um empenho na busca pelas pessoas e projetos que ocuparam e ocupam a casa, simplesmente estes artistas, de algum modo, ficam sabendo que aqui há um espaço de partilha e chegam. Como propõe Fernand Deligny (2015, p.25.) “a rede não é um fazer; é desprovida de todo *para*; todo excesso

¹⁸ Rita Carelli dirigiu as atrizes Janaina Suaudeau, Nicole Cordery, Manuela Afonso, Anna Zêpa, Renata Roberta, Samya Enes e Thaia Perez na peça intitulada *No coração das máquinas* (2016), com estreia na Oficina Cultural Oswald de Andrade.

¹⁹ DELIGNY, F. **O Aracniano e outros textos**. São Paulo: N-1 editora 2015.

de *para* reduz a rede em farrapos no exato momento em que a sobrecarga do projeto é nela depositada”.

Costumo afirmar que o que descobri de mais valioso no dia a dia desta experiência, é que as melhores coisas na vida acontecem ‘por acaso’. O acaso foi e é o presente que nos acontece. Mas para o acaso acontecer é preciso que façamos as pazes com o tempo e que cultivemos uma certa indeterminação. A Casa Líquida existe por causa de um desejo e não de um propósito, quando me perguntavam o que eu pretendia com tudo isso, enrubescia e desconversava. Hoje sei que aquele devaneio, que aos olhos de alguns poderia parecer leviandade, foi o elemento mais importante desta história. Foi o que garantiu o acaso, as circunstâncias mais potentes e a urdição dessa rede. Cultivar a indeterminação é desobedecer.

Comecei a escrever meu trabalho de conclusão de curso em 2017, ao longo daquele ano registrei algumas das minhas reflexões sobre a pesquisa na forma de áudio. Não tinha nenhum outro objetivo senão guardar minhas considerações para depois ouvi-las como auxílio para a escrita. Como meu celular estava mais frequentemente comigo do que o caderno de notas, foi falando para o gravador do aparelho que guardei minhas observações sobre o que acontecia dentro de casa. Apresento alguns destes áudios, nesta dissertação, para compor com o texto e assim trazer um pouco mais do meu corpo nesta reflexão autoetnográfica.

Áudio feito em 15/05/2017:

<https://www.youtube.com/watch?v=PHb7NYJHs0w>

Depois desse grupo de atrizes que inaugurou a sala, muitos outros artistas vieram e nossa casa foi se revelando, naturalmente, um espaço de criação. Recebemos atores, bailarinos, performers, fotógrafos, escritores, estilistas, músicos, cozinheiros, terapeutas corporais. Por intuição, sempre rejeitei a ideia de realizar qualquer tipo de curadoria que categorizasse, avaliasse e escolhesse estes artistas, eles me procuravam e eu ia os acomodando em horários e lugares disponíveis da casa. Esta rede, que se constrói até hoje, tem uma inteligência própria que com o passar dos anos fui aprendendo a respeitar e confiar cada vez mais. As pessoas que chegam, como chegam, por onde se conectam. Como as pessoas se conectam. Essa teia que se constrói possui técnica e sofisticação própria.

O fato da Casa Líquida, como lugar que se gerou a partir de uma ação performática, possuir algumas características muito singulares, atenuaram as tensões que poderiam surgir pelo fato da casa ter um uso coletivo. Eu não cobrar nada, nem contrapartidas, pelo uso da casa,

e a casa não possuir regras pré-definidas, obrigam as pessoas envolvidas nesta experiência a refletirem sobre suas próprias relações, negociar limites e reavaliarem atitudes e crenças. Por isso que tensões mais sérias ocorreram poucas vezes.

O fato do lugar não ter regras pré-definidas faz com que cada encontro seja uma oportunidade de discutir, mesmo que silenciosamente e individualmente, os limites e as crenças de cada um. Você, ao mesmo tempo que se pergunta quem é este outro, como esse outro se coloca no mundo e qual o limite desse outro, você questiona a sua própria existência e seu agir no mundo. E encontra, em conjunto, qual a organização que deve ser proposta para este encontro. Para cada artista que usa a nossa casa e mora nela, se constroem acordos e regras distintas, de acordo com o projeto, com as necessidades e com as características pessoais de cada um. Isso faz todo mundo se empenhar numa escuta e muitas vezes se abrir para a alteridade.

Empreender a desobediência é também trabalhar para que as leis internas possam ser construídas coletivamente e não impostas por um único indivíduo, no caso eu, a dona da casa. Eu crio uma articulação, mas minha voz é também a voz do outro. Isso é muito trabalhoso, pois força uma atenção constante e muito “jogo de cintura” nesta dança áspera e profunda. Mas, ao mesmo tempo, é recompensador, porque esse jogo, a longo prazo, te premia com resiliência e vitalidade.



A performer Talita Florêncio²⁰ no ensaio de “APT-LAB” em julho de 2018.²¹

²⁰ Talita Florêncio é performer, produtora e terapeuta corporal, e usou a casa de junho a agosto de 2018 para ensaiar e registrar, junto com o músico Thiago Salas, a performance “APT-LAB”.

²¹ Fonte: Acervo pessoal da autora.

Em 2017, como método de pesquisa, comecei a convidar artistas para morarem com a gente. Na época, eu queria entender como, e em que medida a rotina deles contaminava a nossa rotina e como isso mudaria nossos hábitos (mais tarde iria descobrir que esta contaminação era mais larga do que imaginava). Por isso, me comprometi a convidar pessoas que tivessem uma história de vida diversa da nossa, para que ficassem mais evidentes as diferenças e como elas desconfigurariam nosso dia a dia.

João²² foi o segundo morador da casa. Ele era, na época, meu colega de faculdade. Nasceu no Rio de Janeiro, na comunidade da Maré e morou em muitos lugares do mundo. É bailarino e, na época, meditava várias horas por dia. Seus pais sempre foram líderes da comunidade onde ele nasceu, e isso o despertou para uma visão crítica e para um gosto especial pela política.

Áudio feito em 11/09/2018:

<https://www.youtube.com/watch?v=KBBCzOQj8D4>

É muito importante para mim que o morador ou moradora desenvolva uma intimidade com o lugar que é também sua morada. Me interessa observar como cuidam do lugar onde moram, de que maneira o habitam e que relações empreendem ali, pois isso me estimula a reavaliar a maneira como uso meu espaço doméstico e como zelo por ele. Pelo fato de eu não cobrar aluguel ou qualquer despesa pela estadia, para algumas pessoas há um pudor em agir naturalmente e criar uma relação de apropriação com o lugar, mas para outras não. Com o João não foi assim, e foi possível experimentar viver com alguém compartilhando a casa, negociando limites, experimentando outras práticas e hábitos e conhecendo outras pessoas. O João frequentemente trazia amigos ou parentes para se hospedarem na casa por um tempo, o que ao mesmo tempo que gerava um certo incômodo me possibilitava expandir meu círculo de amizades. Fiz grandes amigos por intermédio do João, e por causa dos questionamentos que o viver junto dele me trouxe, mudei a perspectiva do meu olhar para essa experiência e dei uma guinada na pesquisa.

Com o João, existia um desembaraço e uma leveza na conversa que aliviava tensões cotidianas, mas isso não acontecia com a Ayla²³, por exemplo, uma atriz pernambucana que morou com a gente por quatro meses. Ayla é uma mulher divertida, bem-humorada, mas existia

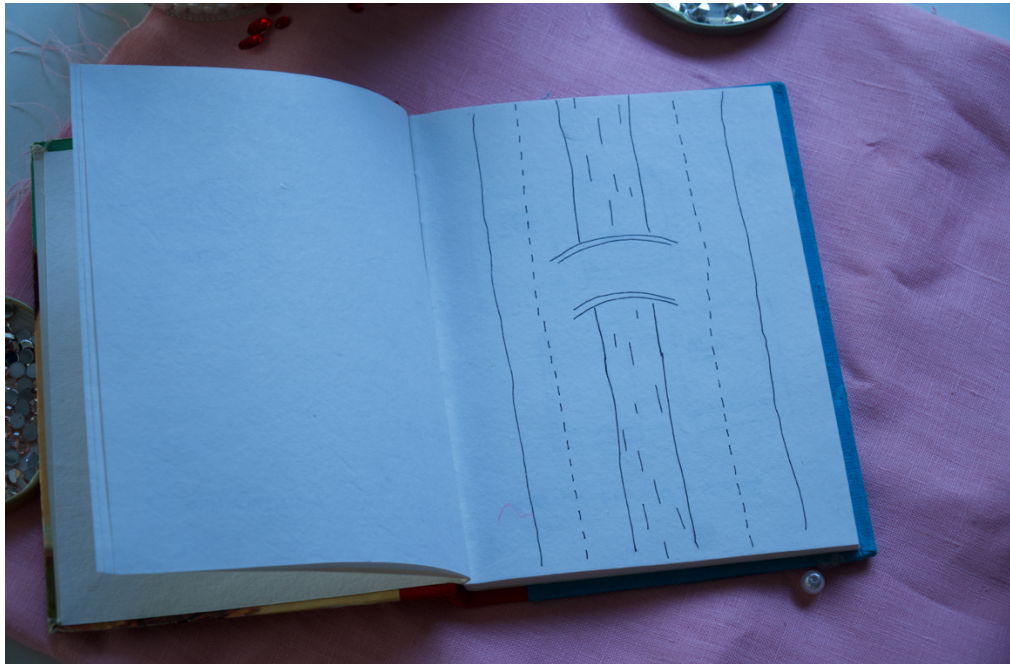
²² João Aleixo é artista do corpo e morou na casa de maio de 2017 a outubro de 2018.

²³ Ayla de Oliveira é atriz e cineasta recifense que morou na casa de outubro de 2018 a fevereiro de 2019.

uma diferença que obstruía nossa comunicação. A estada dela na casa me desestabilizou emocionalmente, ascendeu questões profundas e me obrigou a reavaliar a maneira que eu me colocava para as pessoas. Com ela eu precisava ser clara e enfática sobre meus limites, não existiam acordos tácitos, eles precisavam ser ditos.

Ela era uma mulher que sabia impor sua presença, defender suas vontades e afirmar sua existência sem melindres ou rodeios. Uma mulher cuja história de vida foi construída sob a realidade de ser negra e moradora da periferia de Recife. Eu iria aprender com esta diferença, assim como desejava lá no início. Estava tendo que lidar com um modo de “ser mulher” diferente da mulher que eu era, e isso desconfigurava o modo que eu, como mulher, me apresentava para o mundo.

Lembro que uma noite em que estávamos projetando um filme na sala de ensaio, a vizinha, como era de costume, veio reclamar da altura do som. Ao prever a cena, Ayla pediu para atender a porta. A vizinha ao ver que era ela, não eu, mandou que “desligasse o som”. Ayla respondeu que poderia diminuir a altura, mas não desligaria, pois esta era sua casa e, portanto, era ela quem decidiria o que fazer. Observei impressionada a elegância e a firmeza com que ela traçou o limite e defendeu seus direitos. Ayla me causava espanto pela audácia, coragem e violência com que defendia sua existência. Eu não sabia como lidar com ela. Ayla sabia desobedecer.



Trabalhos do artista Laerte Késsimos²⁴ feitos na casa em agosto de 2019.²⁵

²⁴ Laerte Késsimos é ator e artista plástico e usou a casa em duas ocasiões. Para criar a performance “Ser José Leonilson” entre abril e agosto de 2019 e para apresentar a versão online desta performance entre maio e agosto de 2020.

²⁵ Fonte: Acervo pessoal da autora.

Finalmente estava arquitetando uma casa de fronteiras mais flexíveis como desejava, e isso tinha suas consequências.

A casa é o arquétipo da fronteira, não apenas porque ela inclui os primeiros muros que construímos, utilizamos, habitamos, mas porque é através dela que compartilhamos a humanidade entre o próximo, o íntimo, o inseparável e o resto. (COCCIA, 2020, pág. 159)

Enquanto escrevo, observo o prédio de vinte e quatro andares que está sendo construído em frente à minha casa, e percebo que, na maioria dos apartamentos, o pequeno pedaço de varanda, ou seja, o espaço destinado ao encontro com a rua, está sendo fechado por uma cobertura metálica que blindará quem mora da experiência com o exterior, com a praça em frente, com a cidade. Certamente por escolha dos proprietários em aumentar o espaço interno.

Não conseguimos nos libertar do nosso amor por fronteiras nítidas, pela oposição entre um espaço interno e um espaço externo: continuamos a preferir o interno, a gruta, as entranhas da terra, à exposição ao sol, ao vento, à chuva, ao mundo. (COCCIA, 2020, pág. 159)

É somente em casa, esse espaço de fronteiras demarcadas e defendidas, onde nos permitimos afrouxar nossa armadura e relaxar nossas defesas para tudo aquilo que não é nós, e finalmente exercitar nosso afeto para com “certos outros”, geralmente a família – a única unidade social possível e aceitável no neoliberalismo, visto que permanece relativamente administrável na esfera privada (DOCKX; GIELEN, 2018)²⁶. Fechar as varandas é remarcar as fronteiras para aumentar a área interna e estender a proteção.

A ideia de casa como um espaço de proteção e mantenedora da identidade individual estrutura nossa experiência política em uma cidade (a cidade sendo um conjunto de casas), nossa experiência de relação com o outro e com as coisas do mundo (COCCIA, 2020).

Mas que tipo de casa é essa que construo? Uma casa que é mais casulo que abrigo, mais invólucro que armadura.

Abrir as portas significa afrouxar as bordas subjetivas e redesenhar seu território interno. E isso inclui dúvida, frustração, angústia, mas em seguida, a certeza que você resiste. Resiste e recomeça. Diminuir os muros faz você ter consciência da sua força e da sua resiliência. Na casa ao lado, eu sucumbi, porque acreditava que a força estava na proteção física que cercava a casa,

²⁶ DOCKX, N.; GIELEN, P. (eds.) **Commonism**: a new aesthetics of the real. 1ª edição. Amsterdam: Valiz, 2018.

eram as fronteiras defendidas que me mantinham viva. Hoje sei que a força está em mim e sua fonte está na contingência da vida e nas diferenças que podem penetrar e desconfigurar nossa existência. Hoje sei que, na verdade, fortaleza é uma casa sem muro.



Imagem do jardim feita em 2019. Ao fundo o muro que faz divisa com a outra casa.²⁷

²⁷ Fonte: Acervo pessoal da autora.

Meu primeiro olhar como pesquisadora para a Casa Líquida foi na minha iniciação científica. Tinha descoberto uma conexão entre criação e intimidade e resolvi adotar métodos para fortalecer vínculos e aumentar a empatia entre os artistas e a casa. Uma das estratégias, que uso até hoje, é entregar as chaves, tanto as do portão principal, quanto a da porta que dá para a parte interna da casa, para o artista ou para um deles caso seja um grupo, para que tenham livre acesso, sem precisar de aviso prévio. Isto é feito no primeiro dia, por mim, como uma espécie de ritual. Entre olhares, fica selado um certo pacto de confiança, um acordo de liberdade e gentileza. Sinto que neste gesto há um convite para se construir uma relação de cuidado e responsabilidade com a casa, que quase sempre, se estabelece e me surpreende.

Julia querida,

Li muito sobre a confiança, mas desisti dessa palavra ao longo do tempo. Talvez, porque procurasse por provas. No dia em que você nos entregou a chave de sua casa para ensaiarmos *Domínio público*, parei de ler.

A primeira foto que fiz em seu jardim foi com os pés na terra.

Na França, vivo em apartamento; no Brasil, no apartamento de meus amigos.

Em nosso último encontro, não havia mais como escapar de nós. Você abriu os caminhos da noite. Entendeu que o que nos faltava (e principalmente a mim) era a infância.

Tranquei minha infância na escola, inventei um adulto que subtrai. E, naquela noite, foi ela quem tomou a vez.

Encontrei na Casa Líquida um refúgio. Sua casa escorre nestes dias seguintes, foi nela que ressignifiquei o passado.

Com amor,

W.

Este e-mail recebi de um dos artistas que ensaiou na casa em 2018. E demonstra como pequenos gestos podem desencadear rachaduras violentas, consequências irreversíveis.

Quando tive a ideia de adotar esse procedimento, muitas pessoas próximas, temendo por nossa segurança, foram contra. Mas para mim, confiar no outro era uma espécie de missão, de tratamento e cura. Lembro que numa conversa de bar, um menino que eu não conhecia, opinou confiante sobre o assunto afirmando que uma casa onde muitas pessoas podem ter acesso é uma casa mais segura. Aquela fala dava crédito à minha atitude, mas ao mesmo tempo,

curiosamente, embaralhava minhas crenças. Eu não acreditava naquilo, eu intuía que aquilo poderia ser verdade. Era uma aposta sem garantia. Isso foi há seis anos e, durante este tempo, nunca aconteceu nenhum episódio que me deixasse insegura ou desprotegida.

Olhando para trás percebo que todas as escolhas mais determinantes que fiz em relação a Casa foram por intuição. Quando você age por intuição você burla o poder. Você atende ao sussurro do corpo e não à fala da razão. Intuição é um conhecimento que o poder não transforma porque não consegue detectar. Intuição é uma sabedoria do corpo que o radar do poder não alcança, e por isso nunca servirá à sua lógica.

Voar abaixo das frequências. Não ser percebido. Seguir a intuição é desobedecer.



A performer Inês Terra na sua pesquisa sonora em agosto de 2018.²⁸

²⁸ Fonte: Acervo pessoal da autora.

Uma das escolhas que definiu o que seria este lugar e que direção esta experiência iria tomar, foi não cobrar um valor monetário ou qualquer contrapartida pelo uso da casa. Esta atitude desestabiliza, sempre. Todas as vezes, sem exceção, quando explico que não quero pagamento de nenhum tipo, recebo em troca uma pausa mais longa e uma fisionomia que denota surpresa e confusão.

É como se fosse não só uma atitude não usual, mas algo não “natural” no contexto da cidade onde moro. ‘Isso não existe’, como disse um diretor de teatro quando soube que não precisaria dar nenhuma “contrapartida” pelo uso da casa. Mas penso que o que realmente desestabiliza é o gesto implícito nesta ação, eu ofereço a casa não porque desejo trocar o que tenho por uma quantia monetária que julgo satisfatória, mas porque desejo acolher.

Esse convite desarma, desativa uma certa operação interna, e as pessoas, geralmente, se abrem a outros modos de relação. Claro, existem aqueles que somente festejam o fato de não ter que gastar com sala de ensaio, confundem minha ação com caridade ou me julgam ingênua, mas quem se abre para a experiência experimenta outras maneiras de se conectar e, no encontro, produzir intensidade.

O afeto tem o poder de desativar os dispositivos de segurança, liberar as travas e abrir o cofre. E quando, neste golpe inesperado, o outro se vê exposto, desarmado, ele aceita entrar no jogo e improvisa outros modos de relação. Amar é desobedecer.

Áudio feito em 05/05/2018:

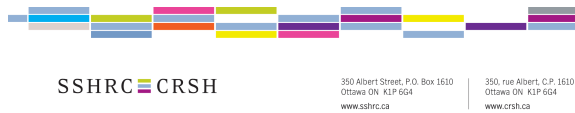
<https://www.youtube.com/watch?v=twqjBC0tGbY>

De setembro de 2015 a março de 2020, até a pandemia me obrigar a fechar as fronteiras, nós recebemos em casa mais de mil e seiscentos artistas que usaram nosso espaço doméstico como um lugar de trabalho ou morada. Depois de seis anos vivendo um estado corporal de disponibilidade e criando uma rede de subjetividades, surgiu a oportunidade de radicalizar ainda mais esta experiência e expandir a casa fisicamente.

A edificação e o terreno que ganhei através de um acordo de divórcio e o montante destinado a manutenção do lugar, foram usados como capital-dinheiro para movimentar uma economia vital, que compreendo como afetiva, e uma economia monetária no sentido de alocar recursos e possibilitar uma expansão dos projetos acolhidos pela casa. O dinheiro economizado pelos artistas com sala de ensaio ou moradia, é distribuído de outra maneira, para outros

profissionais que acabam sendo contratados pelos artistas, para adquirir material de trabalho, ou como recurso para deslocamentos, viagens, estudos, etc.

Em 2017, o SenseLab Montreal, laboratório que estuda intersecções entre arte e ativismo, ligado a Concordia University, usou a casa para realizar encontros no Brasil, o que rendeu uma parceria com a Casa Líquida para sediar, dois anos depois, o *Immediatios* em São Paulo, projeto que consistia em grupos de estudos e residências artísticas com alunos da Concordia pelo mundo. Para formalizar esse acordo eu precisei calcular a quantia em dinheiro que estaria dando simbolicamente ao projeto, o que me obrigou a fazer uma conta real de quanto ganharia pelo aluguel da sala e do quarto, e pelo meu trabalho de produção e organização dos eventos caso eu cobrasse por isso.



Partner Addition Form for Partnership Grants and Partnership Development Grants

Enter complete information for the organization and the contact person. Restrict the use of acronyms in the organization field. If possible, translate foreign organization names into English or French.

Organization Information

Full organization name	Casa Líquida	(100 characters)
Organization type	Choose an item.	
Sector	Choose an item.	
Address	Rua Alves Guimarães, 1417	(40 characters)
		(40 characters)
		(40 characters)
		(40 characters)
City/Municipality	São Paulo	(28 characters)
Province/State	SP	
Country	Brazil	
Postal/Zip code	05410002	Canada/United States only. No spaces or dashes, e.g., K1P6G4 or 442250001.

Contact Information

Family name	Feldens	(30 characters)
Given name	Julia	(30 characters)
Initials	JF	Do not include initials from given or family names.
Phone	55 11 982289168	
Secondary Phone		
Fax number		
E-mail	juliefeldens@gmail.com	(100 characters)
Web address	http://www.casaliquida.com/	(100 characters)

Contributions from Partner

Consistent with the Partnership Development Grants emphasis on partnership and shared intellectual leadership, partners are required to provide cash and/or in-kind contributions to reflect their meaningful collaboration and involvement in the project during the period of the award.

To guide partners in identifying in-kind and/or cash contributions, please refer to the [Tri-Agency Financial Administration Guide](#) as a baseline, and to the [Guidelines for Cash and In-Kind Contributions](#).

Note: All contributions must be indicated in Canadian currency.

	Confirmed (Yes or No)	Cash Amount	Confirmed (Yes or No)	In-kind Amount
Personnel costs				
Student salaries and benefits/Stipends				
Undergraduate				
Masters				
Doctorate				
Non-student salaries and benefits/Stipends				
Postdoctoral				
Other				
Travel and subsistence costs				
Applicant/Team member(s)				
Canadian travel				
Foreign travel				
Students				
Canadian travel				
Foreign travel				
Other expenses				
Professional/Technical services				19200
Supplies				
Non-disposable equipment				
Computer hardware				
Other				
Other expenses (specify)				
Residency for 3 months (accommodation)				2500
Access to the research space for 15 hours per week				9000
Public seminar room; 2 months administrative support, planning and marketing for these events and fulltime technical support during events.				3300
Total			Total	34000
Total of all contributions (cash + in-kind)				34000

Documento enviado para Concordia University em maio de 2018.²⁹

²⁹ Fonte: Formulário da Social Sciences and Humanities Research Council of Canada; Council Research Scientific Humans; Concordia University preenchido e escaneado pela autora.

Para oferecer a casa como espaço de trabalho e moradia, eu gasto por mês uma quantia em torno de trezentos reais a mais, no meu orçamento final de despesas, com a casa (água, luz e gás). Uma quantia que se multiplica, muitas vezes, quando deixa de ser gasto e passa a ser aporte. No caso da parceria firmada com a Concordia, eu contribuí para a realização do projeto de pesquisa com a quantia de trinta e quatro mil dólares canadenses. Uma conta interessante e que me leva, inevitavelmente, a discutir sobre o modo como as pessoas, que possuem muito dinheiro, o gastam. Quase sempre é para gerar mais excesso, ou de consumo, ou de mais dinheiro (acúmulo), mas poderia ser para transformar a realidade, para adulterar a organização. Criar afluentes que contribuam para aumentar o volume de outros rios, desvios para outros fluxos. Gerar abundância, não acumulação.

Em 2019 eu descobri, por acidente, que a casa ao lado da minha, abandonada há dois anos, pertence ao pai dos meus filhos. Uma casa adquirida para investimento (gerar mais dinheiro). Há um ano, por iniciativa dele, fizemos um acordo de uso por tempo indeterminado. Eu fui autorizada a anexar a nova casa à minha e utilizá-la da forma que quisesse. O imóvel antes desocupado continuará valorizando, seu modo “investimento” continuará ativo, mas ao ocupá-lo o transformo em capital, engendrando assim novos afluentes, novos fluxos e produzindo valor.

Quando derrubamos o muro que separa as duas casas, o espaço entre elas revelou uma “rua” e, olhando do portão de entrada para dentro, o conjunto indica uma “vila”. A decisão de demolir o muro e anexar a casa ao lado, expandindo esse território inventado, foi tão importante quanto pular o muro de trás e fundá-lo. Alargar o espaço físico possibilitará novas operações, outros modos de encontro e um campo de estudos para a continuação desta pesquisa. E claro, essa nova organização conduzirá a descoberta de um outro modo de vida para nós.



A casa em novembro de 2020.³⁰

³⁰ Fonte: Acervo pessoal da autora.

3 ETNOGRAFIA DE UM TERRITÓRIO.

Jóia

Beira de mar

Beira de mar

Beira de mar é na América do Sul

Um selvagem

Levanta o braço

Abre a mão

E tira um caju

Um momento de grande amor

De grande amor

Copacabana

Copacabana

Louca total e completamente louca

A menina muito contente

Toca a Coca-Cola na boca

Um momento de puro amor

De puro amor

(Letra de Caetano Veloso)³¹

³¹ CAETANO, V. *Jóia*, 1975.

3.1. A organização

Empreender a desobediência como método me permitiu, entre desarranjos e desafinações, descobrir o que estimar. Colisões, ferimentos, dores, arrebatamento, o prazer e o riso frouxo, desvelaram o que posso e devo desejar, zelar e priorizar na minha vida, e isso cria outros diagramas internos. Ao estimar algo, você avulta, destaca, põe relevo, acentua; aquilo que você estima toma um lugar e obriga o resto a se recolocar. Ao estimar, movemos tudo, reconfiguramos nosso entorno e presentamos o mundo com uma nova organização, uma nova possibilidade, um recomeço.

Ao pular o muro iniciei a construção de um sistema de valores que desenharia este novo território. Os portões, as passagens, as paredes, os limites, o sim, o não, são escolhas. Escolher é colocar algo em evidência, é eleger uma perspectiva a partir do que você estima. Estimar é conceder valor a algo, é valorar. Valores determinam modos de existir e desenham o território que habitamos.

Eu escolho acolher ao invés de cobrar uma quantia em dinheiro, porque no meu sistema de valores o que ganho ao acolher é mais valioso do que a quantia monetária que poderia cobrar. Não acolho por misericórdia ou benevolência, acolho porque dou grande valor ao que este gesto pode me trazer, no caso, confiança, entrega, a construção de algumas intensidades, etc. Esta minha escolha defini em grande parte o que é esta experiência, o que está sendo este lugar, e como isto tudo afeta nossa subjetividade. Valorar determina a organização de um território.

Ao dar valor a algo você desloca todo o resto, provocando movimento e multiplicando a vida nas suas diversas formas, nuances e matizes. Estes movimentos permitem novos diagramas, novas organizações, novos afetos, novas maneiras de sentir, pensar e agir. Outros modos existir. Há uma força no estimar, um poder relativo à criação e por isso intrínseco a vida.



Apresentação de *Monstra*³² em maio de 2019.³³

É este impulso criador que Friedrich Nietzsche (1978) em seu projeto de “transvalorar o valor”, e Brian Massumi (2020), no seu manifesto para “revalorar o valor”, reivindicam, denunciando poderes de captura que nos roubam a força do estimar, impondo e ditando o que deve ser por nós estimado. Criar valores, reclama Nietzsche (1978), não pode ser um fazer de Deus, mas um fazer dos homens. Transvalorar o valor é devolver ao homem o que é do homem, um direito e um dom natural: o de estimar e gerar seus próprios valores.

Valores foi somente o homem que pôs nas coisas, para se conservar – foi ele somente que criou sentido para as coisas, um sentido de homem! Por isso ele se chama de “homem”, isto é: o estimador. (NIETZSCHE, 1978, p. 232 – 233)³⁴

³² Performance criada na casa em 2017 por Elisabete Finger e Manuela Eichner, com Barbara Elias, Danielli Mendes, Josefa Pereira, Mariana Costa, Patrícia Bergantin. Estreou no mesmo ano no Sesc 24 de maio.

³³ Fonte: Acervo pessoal da autora.

³⁴ NIETZSCHE, F. **Obras incompletas/ Friedrich Nietzsche**; São Paulo: Abril Cultural, 1978. “Rubens Rodrigues Torres Filho, numa nota de tradução do texto *Assim falou Zaratustra* (1978), registra seu estudo etimológico das palavras “mensch” (homem) e “schatzende” (estimador), numa tentativa de elucidar a afirmação nietzschiniana: “homem, isto é, o estimador”: “*Mensch, das ist: der Schatzende*”: na origem da palavra *Mensch* [...] encontra-se o radical indo-germânico *men* (pensar), o mesmo que deu *mens* (mente) e *mesurare* (medir). Talvez Nietzsche se refira a este último sentido, tanto mais que “pensar” guarda lembrança de tomar o peso, ponderar. *Schatzen* por: estimar, avaliar, apreciar, daí *Schatzende*, o que estima, taxador”. (NIETZSCHE, 1978, p. 233)

Transvalorar é desobedecer, é reivindicar a criação.

Massumi (2020, p. 26), retoma esta luta cento e trinta anos depois e escreve: “é hora de tomar de volta o valor, [...] tão absolutamente comprometido, tão saturado de restrições normativas e emporcalhado por sua cumplicidade com o poder capitalista”³⁵ Revalorar é desobedecer, é recobrar o corpo.

Nietzsche (1978) reivindica que o “valorar”, até então condenado às mãos de Deus, retorne ao domínio dos homens; que os valores sejam resultado das experiências do corpo com o mundo, e não mais obra da metafísica, da religião e da moral. Massumi (2020, p. 27 – 28) reclama: “o valor é valioso demais para ser largado nas mãos do capital [...] a revalorização do valor é, por definição, ética”

Nessas denúncias urgentes, a religião e o neoliberalismo atuam como poderes de captura que roubam nosso corpo, entristecem e usurpam nosso poder criador. O neoliberalismo com seu regime de crenças ancorada numa “ecologia de poderes”, torna a cumplicidade ao sistema um “traço ontológico” do humano, e se torna o único mito que abrange todas as sociedades da terra (MASSUMI, 2018). A “oposição moral transcendente do bem/mal, ganha seu atenuado herdeiro democrático normal/patológico” (MASSUMI, 2020, p. 27) que se torna a base do juízo padrão da sociedade atual, aniquilando qualquer possibilidade de existência que vá além dos padrões normativos. Neste contexto o conceito de “valor” se vê pregado ao seu redutivo econômico, ofuscando sua potência intrínseca e constitutiva, privando dos homens a consciência de sua força criadora.

Karl Marx (2017)³⁶, como um anatomista do sistema, apontou para crenças e ideais suprassensíveis cujo capitalismo estaria ancorado, o que o tornaria uma prática semelhante à religião.

Ao falar da mercadoria Marx (2017) a trata como “sujeito” e a confere certos predicados, como: “coisa sensível-suprassensível”; o “caráter místico da mercadoria”; “coisa muito intrincada, plena de sutilezas metafísicas e caprichos teológicos”; “o caráter enigmático do produto do trabalho”; “o caráter misterioso da forma-mercadoria”; “forma fantástica, distinta de sua realidade”. E, muitas vezes, lhe atribuindo características humanas: “Niveladora e cínica de nascença, ela se encontra, por isso, sempre pronta a trocar não só sua alma, mas também seu corpo” (MARX, 2017, p. 160). Isto porque o

³⁵ MASSUMI, B. **99 teses sobre a revalorização do valor**. São Paulo: Glac edições, 2020.

³⁶ MARX, K. **O capital: crítica da economia política**. 2ª edição. São Paulo: Boitempo, 2017. v. 1.

autor acredita que o produto do trabalho, alçado a uma posição de “mercadoria”, vira protagonista do jogo do mercado, se dissociando do trabalho que a produziu e do seu “guardião”, como Marx, a certa altura, se refere ao trabalhador. A mercadoria ao ser introduzida no mercado ganha vida própria, rouba a cena e reifica as relações.

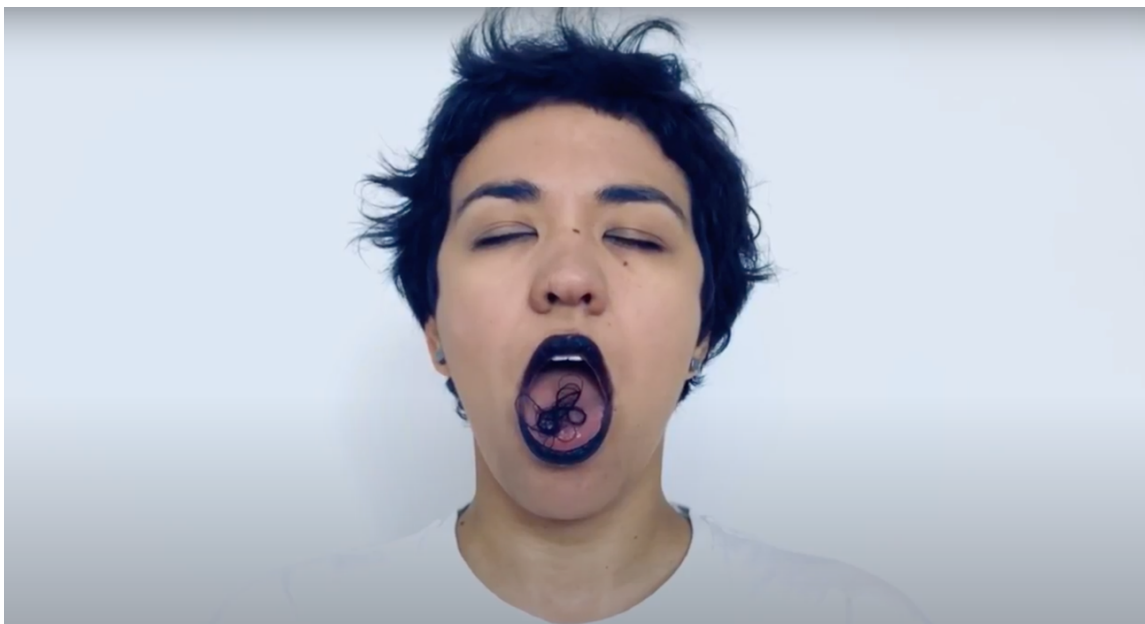
É apenas uma relação social determinada entre os próprios homens que aqui assume, para eles, a forma fantasmagórica de uma relação entre coisas. Desse modo, para encontrarmos uma analogia, temos de nos refugiar na região nebulosa do mundo religioso. Aqui, os produtos do cérebro humano parecem dotados de vida própria, como figuras independentes que travam relação umas com as outras e com os homens. (MARX, 2017, p.147)

É sobre esse “objeto animado” e essa “relação entre coisas” que Marx se refere ao falar do “fetiche das mercadorias”. E, segundo o autor, a mesma “mágica” ocorre com o dinheiro: “Essas coisas, o ouro e a prata, tal como surgem das entranhas da terra, são, ao mesmo tempo, a encarnação imediata do trabalho humano. Decorre daí a mágica do dinheiro” (MARX, 2017, p. 167).

Massumi (2020) reafirma seus aspectos transcendentais ao escrever sobre a crença que praticamos ao acreditar que determinado produto equivale a uma determinada quantia de dinheiro. Ou que um determinado salário equivale a quantia do nosso tempo de vida que entregamos ao sistema. “Este princípio de justiça é o motor do mercado capitalista” (MASSUMI, 2020, p. 33); e isto é uma questão de fé.

É desta forma que é tramada a arquitetura da prisão que resguarda a cela, é dessa matéria que são feitas as estruturas que a sustentam. Por isso as fugas serão eternas, por isso é difícil antever a captura. O inimigo é imperceptível, invisível, insípido, silencioso e sorrateiro. E onipresente. Sempre pronto para escamotear os corpos e sugar a vida.

É importante entender que as denúncias feitas por Nietzsche (1978) e Massumi (2020) se traduzem em convocações na medida que quem engendrou estes poderes, que figuram como máquinas de captura, fomos nós. Em algum momento, os desejamos. E, se fomos nós, quem sonhamos, podemos acordar do pesadelo e tomar de volta o que nos roubaram enquanto estávamos dormindo.



Josefa Pereira, no ensaio de *Égua*, em agosto de 2018.³⁷

David Graeber (2001), lembra os estudos de Clyde Kluckhohn (1951) que, na década de 1950, encabeçou um projeto de pesquisa na Universidade de Harvard, cujo objetivo era alçar o valor a questão central nos estudos em antropologia. Segundo Kluckhohn (1951 *apud* GRAEBER, 2001, p. 3)³⁸ “os valores são “concepções do desejável” – concepções que desempenham algum tipo de papel em influenciar as escolhas que as pessoas fazem entre os diferentes cursos de ação possíveis”. Graeber observa que o termo ‘desejável’ não se refere apenas ao que as pessoas realmente desejam, mas ao que elas ‘devem’ desejar, “são os critérios pelos quais as pessoas julgam quais desejos consideram legítimos e válidos, e quais não consideram” (GRAEBER, 2001, p. 3)³⁹. Para Kluckhohn, valores são ideias, não necessariamente sobre o significado da vida, mas sobre o que devemos desejar dela, definindo, assim, o comportamento das pessoas, suas ações e o mundo em que vivem.

Para discutir a questão: ‘por que vidas negras não importam?’, Denise Ferreira da Silva (2019) cria uma “equação do valor” como estratégia para figurar a capacidade

³⁷ Fonte: Acervo pessoal da autora.

³⁸ GRAEBER, D. **Toward an anthropological theory of value: the false coin of our own dreams.** New York: Palgrave MacMillan, 2001. Original: “that values are “conceptions of the desirable”—conceptions which play some sort of role in influencing the choices people make between different possible courses of action.”

³⁹ GRAEBER 2001. Original: “They are the criteria by which people judge which desires they consider legitimate and worthwhile and which they do not.”

da negridade de desestabilizar questões éticas. Através do raciocínio matemático, demonstra que valorar é propor um jogo de desconfiguração/configuração das realidades vividas. Sendo que, numa equação, a confrontação de dois elementos, numa interação determinada (procedimentos matemáticos) resulta em um terceiro.

A vida é a forma; a posição positiva *vis-à-vis* da vida é figurado como “1” e a posição negativa (como no julgamento Kantiano infinito, quer dizer, não-vida) é figurada com “-1”:

- i. vida positiva = 1
- ii. vida negativa = -1

Se a negridade ocupa o lugar da vida negativa – isto é, a vida que = possui valor negativo, que *não* importa – então

- iii. negridade = -1

Agora vejamos a relação entre vida (1) e negridade (-1) usando procedimentos matemáticos básicos: adição, subtração, multiplicação e divisão. A adição, nesse caso, torna-se subtração graças ao valor negativo da negridade:

a) $1 \text{ (vida)} + -1 \text{ (negridade)} = 0$

Ao ser simplesmente combinada com a vida, a negridade provoca a anulação (0); quer dizer, ao ser adicionado à forma positiva da vida, a negridade a *oblitera*.⁴⁰

A autora usa a matemática para refletir sobre como operam os valores e o que resulta disso, o que me encoraja a reafirmar que o valor é algo determinado e determinante. Graeber (2001) observa que na antropologia o valor é considerado peça fundamental para orientar o comportamento humano e organizar o mundo, ou seja, valorar é uma ação determinada que produz consequências determinantes.

Nos eximirmos do esforço de compreender, através do corpo, das suas dores e alegrias, o que de fato estimamos, e entregarmos à moral cristã e ao mercado esta função, é sucumbir iludidos, é entregar o ouro ao inimigo invisível. Mas se desobedecermos com todo o nosso corpo e exigirmos a experimentação do mundo, saberemos com força o que desejar, e então construiremos novos fluxogramas de vida, novos circuitos de afeto, novas maneiras de encontro, recobrando assim nossa potência criadora.

Valorar cria novas configurações, novas combinações de elementos. Dar valor gera movimento. Por isso vida e valor tem uma conexão genuína.

⁴⁰ FERREIRA DA SILVA, D. **A dívida impagável**. 1º edição. São Paulo: Oficina da imaginação política e Living Commons, 2019, p.141-142.

E se tomarmos para nós a tarefa de valorar, entenderemos que o que determina essa ação é um fator inerente não só à condição humana, mas a todos seres vivos: a busca pela vitalidade. Estimamos aquilo que acreditamos ser importante para efetuar um movimento em direção à perpetuação da vida, algo que acarretaria num estímulo para o aumento da nossa força vital.

Foi preciso romper as travas e pular o muro para que não definhasse e morresse precocemente, foi a missão de perpetuar a vida que permitiu este território existir. Este território é uma tentativa de perceber uma organização interna, natural e fluida, é um campo de experimentação de vida, e de batalhas constantes para defender o direito a esta experimentação.



A performer Mariza Virgulino no ensaio de *Escafandro*⁴¹, outubro de 2019.⁴²

⁴¹ Performance criada na casa em outubro de 2019 pela coreógrafa Elisabete Finger e pelas intérpretes Mariza Virgulino e Josefa Pareira. Estreou no Instituto Goethe SP no mesmo ano.

⁴² Fonte: Acervo pessoal da autora.

3.2. A matéria

A busca pela perpetuação da vida é interrompida quando se atravessam valores que não correspondem ao nosso desejo mais genuíno. A visão fica turva e somos induzidos a fazer escolhas equivocadas, nos distanciando ao invés de nos aproximar da nossa força vital.

O conceito de “valor” está tão bem acoplado a esfera econômica e quase indissociável de uma função mercadológica, que torna a palavra ‘preço’ seu sinônimo; isto ilustra o quanto valorar é uma prática, hoje em dia, comprometida com a lógica de mercado.

O ponto está implícito na aparente ambiguidade do termo "valor", que pode se referir ao preço de algo [...] ou em geral àquilo que as pessoas consideram "caro", moralmente ou monetariamente. Os antropólogos, aliás, estão bastante familiarizados com essa ambiguidade, [...] uma vez que muitos a adotam para ilustrar a universalidade do comportamento econômico racional - mesmo quando a troca de mercado está especificamente ausente. (GRAEBER, 2001, p. 13, tradução nossa)⁴³

O estimar como procura por manutenção da vida se perde, ou percorre caminhos equivocados quando amarrado a uma lógica econômica. Valorar o mundo, embriagado de desejos impostos pelo mercado, engembra uma vida deformada, pálida, desbotada.

O ‘preço’, ‘valor de troca’ cujo representante é o dinheiro, é uma variação “sem vida” do valor. Uma em que a conexão se perdeu, um valorar que na busca por vitalidade derrapou nas curvas algorítmicas, enfeitado pelos anúncios frenéticos. Como protesta Massumi (2020, p. 32), “a revalorização do valor precisa efetuar o desenvolvimento da conexão entre valor e vitalidade”, resgatar sua gênese, sua natureza mais íntima.

A relação entre valor e vida é uma imbricação congênita, fundamental, natural. O valor de troca é uma aberração, uma versão anêmica, sua versão triste.

É luminoso acompanhar Marx (2017) explorar as entranhas e buscar o momento em que o valor sofreu essa deformação, deixando de ser qualitativo, supranumerário, e passando a ser quantitativo. Quando nossas necessidades vitais mais essenciais começaram a ter um ‘preço’, ou como ele explica, quando o caráter qualitativo do “valor

⁴³ GRAEBER, 2001. Original: “The point is implicit in the apparent ambiguity of the term “value”, which may refer to the price of something [...], or in general to that which people hold “dear”, either morally or monetarily. Anthropologists, incidentally, are quite familiar with this ambiguity, [...] since many adopt it to illustrate the universality of rational economic behavior — even where market exchange is specifically absent”.

de uso” precisou ser reduzido ao caráter quantitativo do “valor de troca”, para que o mercado, com sua sofisticada rede de circulação de mercadorias, pudesse se desenvolver.

Se voltarmos à Idade Média para analisar como se engendrou o início do processo de trocas – o cerne e o sustentáculo do sistema capitalista –, veremos que o que motivava as pessoas a se reunirem num local para trocar era a necessidade vital por algum produto. Troco o que tenho ou o que produzo por comida, agasalho, ferramenta, utensílios domésticos, coisas que para mim tem um valor vital, de continuidade da vida. Este valor por mim dado a um determinado produto, Marx (2017) chama de “valor de uso”. O “valor de uso” está diretamente ligado a uma qualidade existente no produto que me faz necessitar dele. Mas, para trocar produtos, preciso de um tipo de valor que os **reduza a uma unidade equiparável**, é preciso suprimir as diferenças que os distinguem, isto é, suas qualidades. Dois produtos são diferentes quanto a seus valores de uso, porque atendem a necessidades diversas, mas também porque, como explica Marx (2017), existem neles “trabalhos úteis” empregados que são invariavelmente distintos. Por exemplo, é difícil trocarmos trigo por casaco se usarmos seus valores de uso, porque ambos os produtos têm valores de uso distintos e igualmente importantes para nossa sobrevivência (como escolher entre morrer de frio ou passar fome?), portanto, achar uma medida justa para compará-los seria impossível. Então, para que o sistema de trocas pudesse se desenvolver, foi preciso achar uma medida que **eliminasse as diferenças qualitativas** dos produtos, para, assim, poder compará-los.

A medida encontrada para resolver essa questão foi usar o trabalho como unidade de medida, a quantidade de tempo de trabalho neles empregados, ou seja, o valor de um produto é proporcional à quantidade de tempo de trabalho necessário para produzi-lo. Mas não do “trabalho útil”, porque senão cairíamos no mesmo problema, é impossível comparar o trabalho de quem planta e colhe o trigo com o do alfaiate que faz o casaco, pois são trabalhos igualmente complexos e importantes para a sociedade; portanto, como escreve Marx (2017), essa medida foi baseada na quantidade de “trabalho abstrato”, ou seja, de “trabalho geral”, todo o trabalho que é realizado com o esforço do corpo humano, cérebro, músculos, nervos, etc, eliminando, assim, as especificidades contidas em cada ofício.

Em certo momento, o valor sofre esta operação imprescindível para que o sistema capitalista pudesse se desenvolver, e, nesta equação, foi necessário suprimir as qualidades que compunham o trabalho e o produto gerado deste trabalho. **Reduzindo complexidades e eliminando diferenças para transformar atividade vital em**

economia. Neste momento, o valor se distancia do seu caráter genuíno, que diz respeito à vida, e é capturado e colocado a serviço do lucro.

Essa conversão não acontece só com o valor, na verdade, é uma operação muito comum e muito usada pela lógica capitalista. É isso que possibilita coisas muito complexas se tornarem comensuráveis, comparáveis e, conseqüentemente, comercializáveis, pois, essa conversão “anula suas singularidades, borrando suas diferenças composicionais na unicidade de sua própria expressão quantitativa” (MASSUMI, 2020, p.83).



A artista Manuela Eichner, em seu ateliê na casa, em novembro de 2020.⁴⁴

⁴⁴ Fonte: Acervo pessoal da autora.

A relação estreita entre valor e vida se confirma não somente pelo fato que dar valor produz movimento, mas também porque movimento produz valor. O movimento como consequência e como origem. Da relação estreita entre movimento e vida se reconhece a relação entre vida e valor.

Na elaboração de fórmulas que sintetizam as relações entre dinheiro e mercadoria, Marx (2017) demonstra que é no movimento que se produz “mais-valor”. Massumi (2020) na análise que faz do valor na sua forma mais vibrante, também explica sua produção pelo movimento, um “mais-valor de vida”.

Nos seus estudos sobre o capital, Marx (2017) considera duas formas distintas que representam a circulação de mercadorias e que abrigam processos especificamente diferentes: M-D-M (mercadoria-dinheiro-mercadoria), conversão de mercadoria em dinheiro e de dinheiro em mercadoria, isto é, vender para comprar; e D-M-D (dinheiro-mercadoria-dinheiro), conversão de dinheiro em mercadoria e reconversão de mercadoria em dinheiro, comprar para vender.

Em M-D-M, o comerciante vende sua mercadoria e com o dinheiro obtido compra outra mercadoria; neste caso, ele vende um valor de uso que não necessita e com o dinheiro obtido adquire um valor de uso que necessita. Aqui, o objetivo do comerciante é alcançado ao final do processo. Ele vendeu para comprar.

O ciclo M-D-M parte do extremo de uma mercadoria e conclui-se com o extremo de uma outra mercadoria, que abandona a circulação e ingressa no consumo. O consumo, a satisfação de necessidades – em suma, o valor de uso –, é assim, seu fim último. (MARX, 2017, p. 226)

Nesta forma de circulação, o comerciante, por estimar determinado valor de uso, um casaco, por exemplo, vendeu o trigo que planta; ou, como escreve Marx (2017, p. 226), “a troca de produtos, a variação das matérias nas quais o trabalho social se apresenta é o que constitui, aqui, o conteúdo do movimento”. Neste movimento se obteve valor, o comerciante adquiriu o casaco que necessitava.

Em D-M-D, o capitalista desembolsa o dinheiro com a intenção de, lá na frente, recuperá-lo. Ele compra a mercadoria para depois vendê-la novamente, obtendo um refluxo do dinheiro. Assim, para que a circulação faça sentido e se obtenha valor neste processo, é preciso que exista uma diferença ‘quantitativa’ no final, pois não existe diferença ‘qualitativa’ ao fim deste ciclo, já que dinheiro volta a ser dinheiro. Ou seja, nenhum capitalista comprará um casaco por 100 para vendê-lo por 100, porque isso não

resultará diferença no valor. Para obter uma diferença quantitativa deste processo, isto é, mais-valor, o ‘lucro’, ele terá que vender o casaco por uma quantidade maior de dinheiro.

Como observa Marx (2017 p. 227), em D-M-D, a “força motriz e fim último é o dinheiro”, valor de troca, e desse modo “o movimento é interminável”. Porque se na forma M-D-M, o valor obtido é um “valor de uso”, o ciclo se finaliza com o consumo, com a satisfação de uma necessidade; e na forma D-M-D, o valor obtido é uma quantidade maior de “valor de troca”, e se valor de troca só realiza valor na troca, o ciclo não poderá ter fim, pois “a valorização do valor existe apenas no interior desse movimento sempre renovado” (MARX, 2017 p. 228). Neste movimento se produz valor.

Capital, segundo Marx (2017), é o dinheiro que circula deste último modo, dinheiro posto em circulação pelo “capitalista” com o objetivo de multiplicá-lo, de obter “mais-valor”. Por isso, como observa o autor “o movimento do capital é desmedido”, sendo tomado por uma lógica do “sempre mais”.

Massumi (2020) compreendendo a potência criativa inerente ao valor, oferece uma análise da produção de mais-valor de vida como sendo o que resulta do encontro das diferenças num campo de emergência.

Valorar gera movimento que gera valor: no nascimento de um novo contexto, que propõe uma nova combinação dos elementos, outras relações se efetuam e novas ‘intensidades’ emergem. Para Massumi, esta intensidade é “mais-valor de vida”, uma “tensão criativa” gerada pela interação das diferenças entre os elementos de um sistema. “Mais-valor é um efeito emergente que é relacional: ele vem do modo singular como uma multiplicidade de elementos contributivos se agregam para lançar em vórtice um efeito coletivo” (MASSUMI, 2020, p.78).

Mais-valor de vida é intensidade, por isso é “supranumerário”. Existe uma diferença de natureza entre intensidade e quantidade que impede uma relação entre elas. Os elementos de um sistema podem ser numerados, mas essa intensidade não é efeito da sua ‘soma’, e sim, do que excede deste encontro. Esta “tensão” é o resultado da coexistência de suas diferenças.

O “sempre mais”, perpetuação infinita, indissociável do movimento que produz valor-dinheiro, é uma lógica que promove o excesso e provoca o acúmulo. Tal lógica é parcialmente demonstrada pela fórmula da circulação do capital sugerida por Marx (2017), D-M-D. O “sempre mais” do ponto de vista qualitativo, do mais-valor de vida, é sobre diversidade, sobre variedade e não sobre quantidade.

Quando lucramos com a vida, temos experiências. Quando falamos que valorizamos uma experiência, é porque ela tem uma qualidade que consideramos ter valor em si mesma, completamente à parte de qualquer expressão numérica. Isso não é uma quantidade de dinheiro - é uma intensidade de experiência. [...]. É supranumerário no sentido de que escapa à quantificação por natureza. (MASSUMI, 2020, tradução nossa)⁴⁵

É interessante observar como se caracteriza o movimento que produz mais-valor de vida para Massumi (2020) e o movimento produtor de mais-valor econômico que Marx (2017) examina.

O movimento que resulta na criação de mais-valor de vida, para Massumi, é sobre o encontro das diferenças num campo de emergência, sobre a coexistência dos fatores qualitativos constitutivos deste campo. Mais-valor é a tensão criativa que se forma na relação destas diferenças qualitativas, é a intensidade que emerge do encontro. “Os muitos tornam-se um e são aumentados pelo um” (Massumi, 2020, p. 79).

Para Marx, o movimento que se encontra na circulação D-M-D e M-D-M, e que cria mais-valor, diz respeito às metamorfoses que ocorrem com o próprio valor. Para o autor, o capital – motor que faz mover a roda da economia – é valor em movimento, valor em suas diferentes formas. Valor-dinheiro que se transforma em valor-mercadoria que se transforma em valor-dinheiro que é valor capital.

O valor se torna aqui, o sujeito de um processo em que ele, por debaixo de sua constante variação de forma, aparecendo ora como dinheiro, ora como mercadoria, altera sua própria grandeza e, como mais valor, repele [abstosst] a si mesmo como valor originário, valoriza a si mesmo. (MARX, 2017, p. 230)

Em ambos, a ‘diferença’ é o elemento acionador de movimento. No primeiro, o movimento se dá pela tensão que se cria entre as diferenças existentes no campo, no segundo, o movimento é acionado pelas diferenças existentes na forma-valor que, na circulação, sofre mutações.

Apesar dos movimentos serem distintos quanto a sua execução, eles têm o mesmo motor de propulsão. É a diferença que nos faz encher os cofres e transbordar de vida.

⁴⁵ MANNING, E.; MASSUMI, B. Interview with Erin Manning and Brian Massumi. [Entrevista cedida a] Marc Todoroff. **SenseLab-3e**, mar. de 2020. Original: When we profit from life, we have experiences. When we say we value an experience, it’s because it has a quality that we consider as having value in and of itself, completely aside from any numerical expression. This is not a quantity of money– it’s an intensity of experience. [...] It is supernumerary in the sense that it escapes quantification by nature.



Fernanda Pavanelli e Ismael Caneppele, no ensaio das cenas do filme *Verlust*, em junho de 2018.⁴⁶

A relação entre movimento e produção de valor aparece também em sistemas de troca pré-modernos, e no mercado financeiro cuja captação e multiplicação do valor ocorre na radicalização do movimento.

Marcel Mauss (1925), ao analisar estruturas sociais existentes nas sociedades arcaicas encontra um sistema de economia e de direito que difere do sistema de troca capitalista. Segundo Mauss (1925 *apud* SABOURIN, 2008, p. 132)⁴⁷ algumas sociedades arcaicas partilhavam um “sistema de dádivas”, que consistia em trocar riquezas, bens materiais, mas também “amabilidades, banquetes, ritos, serviços militares, mulheres, crianças, danças, festas [...]” Nesta troca, há sentido de reciprocidade na medida em que a dádiva precisa ser, obrigatoriamente, retribuída, porém o que move o doador a praticar a dádiva não é seu retorno, mas algo que está e se constrói na **ação de dar**.

O motor desta transação é um valor ético e moral, valor relativo a prestígio, ao poder, a completude humana, um valor que não se encontra na dádiva retribuída, mas que **se constitui no ato da reciprocidade**, na circulação das dádivas. O doador, ao dar, ganha. O donatário ganha o bem material, mas o doador ganha o valor ético que Mauss (1925) observa ser o motivador do movimento.

Numa analogia com as trocas mercantis capitalistas, pode-se dizer que é a

⁴⁶ Fonte: Acervo pessoal da autora.

⁴⁷ SABOURIN, Eric. **Marcel Mauss**: da dádiva à questão da reciprocidade. Revista brasileira de ciências sociais - vol. 23 n.º. 66, p. 131 – 138, fevereiro de 2008.

presença de um “capital imaginário”, nas palavras do próprio Mauss (1925), o que move as prestações econômicas, a circulação dos bens. O anseio por adquirir o *mana* (valor ético/moral) aciona uma circulação que é a responsável por gerar esse valor. Valor que só existe na reciprocidade, no dar e receber, no movimento.

Nas suas 99 teses, Massumi (2020) faz uma reflexão sobre a importância das flutuações e instabilidades para captação de valor no mercado financeiro, “setor econômico primordial do neoliberalismo”, que faz do movimento, nele traduzido em “volatilidade”, o principal responsável pela produção de valor. “O mais-valor é diretamente gerado como um efeito relacional de movimento. Isso sugere o conceito de *mais-valor de fluxo*.” (MASSUMI, 2020 p.60)

É possível entender essa operação se analisarmos um instrumento financeiro chamado “derivativo”. Derivativos são contratos de compra e venda de “ativos”, produtos negociados dentro do mercado financeiro. Estes ativos podem ser físicos (produtos agrícolas, propriedades, moeda) ou intangíveis (ações, câmbio, títulos públicos, privados, dívidas), mas, nestas transações, são sempre “fictícios”, pois você pode vender mesmo não portando o produto e comprar sem obtê-lo. Isto é possível, porque ‘o valor adquirido decorre da variação de preço e não da obtenção do produto’. Nestas operações de compra e venda, os contratos servem para “fixar” preços, que, na prática, são flutuantes; com isso, você pode se “proteger”, para não perder dinheiro, ou “lucrar” com a especulação. Não é exatamente o ativo que está em jogo, mas as regras do contrato e a variação de preço do mercado.

“Na economia neoliberal, o setor financeiro descola da economia “real”. Ele libera mais-valor de fluxo em um metaplano, declarando sua independência dos ativos subjacentes da economia produtiva” (MASSUMI, 2020 p. 68). Eu decido comprar dólares hoje, porque “pressinto” que a moeda norte-americana vai subir de preço nos próximos meses. Você quer me vender *dólares* pelo preço de hoje, porque “intui” que o real vai valer mais nos próximos meses e o dólar vai valer menos em relação ao preço de hoje. Então, fizemos um ‘contrato’ que contém o ativo que está sendo negociado – no caso uma moeda, o dólar – a quantidade deste ativo, o valor deste ativo no dia de hoje e o vencimento deste contrato, isto é, em que data, no futuro, esta transação deverá ser efetuada.

Se o que eu “pressentia” acontecer e o preço do dólar subir, eu lucrarei com a transação e você perderá dinheiro. Então, você terá que me pagar, na data de vencimento acertada, a diferença entre o valor que acordamos e o valor do dólar hoje. Você não me

entregará os dólares, mas somente a sua diferença de valor. Estes contratos podem ser feitos de várias formas e envolvendo vários tipos de ativos financeiros, mas o que eles têm de semelhança é que os ativos negociados são produtos “fictícios” que se tornam “reais” apenas na circulação, “eles são produtos da circulação, não significativamente do trabalho” (MASSUMI, 2020 p.64). E “o lucro gerado é uma expressão quantitativa do contágio cruzado entre fluxos de afeto, atenção, e apetite no campo ampliado da vida” (MASSUMI, 2020 p. 60), pois a variação dos preços acontece devido a mudanças qualitativas neste campo.

O mercado financeiro radicaliza a relação movimento e mais-valor porque ele ‘capitaliza a própria volatilidade’. Ele atrai e capta o movimento para o traduzir em valor.



O artista Eduardo Fukushima conduz uma oficina na casa em outubro de 2018.⁴⁸

⁴⁸ Fonte: Acervo pessoal da autora.

A matéria que compõe este território, que engendra esta casa-performance, que define este espaço doméstico, íntimo, é a relação que existe entre diferença, movimento e valor-vida. São os resultados e desdobramentos desta relação, a substância e o assunto desta experiência-território.

É a luta pelo direito a uma organização fluída, que possibilita e alimenta esta relação, ao mesmo tempo que só existe a partir dela. O valorar como perpetuação da vida possibilita uma organização interna natural que permite a relação diferença-movimento-valor, e é só através dela, por sua vez, que a vida se perpetua.

Esta casa-território-manifesto se constrói pela diferença, suscita e catalisa movimento, e por sua operação gera variedade e forma abundância: valor-vida nas suas diversas formas, nuances e matizes.

3.3. A operação

Pular o muro foi o movimento inaugural deste território, e isso só foi possível porque sempre fui estrangeira dentro daquele outro. Nunca neguei minha diferença, ao contrário, sempre a reverenciei. Pular o muro foi sua afirmação. Afirmei tão forte, que um enorme movimento nasceu e arrancou tudo do lugar.

A minha casa foi inventada porque antes a imaginei. Quando imagino eu consinto com a criação. Imaginar é entender que são possíveis outras formas de vida. Tudo começa com a imaginação. Imaginar é desobedecer sempre.

Mas o que me impeliu a imaginar foi minha diferença, o quanto eu a conservei, cuidei, lutei por ela. É preciso lutar por sua diferença quando se vive um mundo em que tudo está planejado para sair igual a ontem. Quando se tem muito dinheiro, geralmente se tem muitos empregados. Empregados precisam prestar serviços e serem gerenciados: isto precisa estar deste jeito, isso precisa ser feito assim, os horários são estes. Mudar o combinado é fazer errado. Empregados para serem bons empregados precisam manter tudo igual e cumprir a mesma rotina. Em uma casa que é bem gerenciada nada acontece. Tudo é previsível. Tudo é igual. Todos ficam iguais. Em ser igual eu era um fracasso.



Antonio e Heitor em outubro de 2015.⁴⁹

⁴⁹ Fonte: Acervo pessoal da autora.

Este território-casa-imaginada nasceu pela diferença. A diferença é sua fundação. É onde se sustenta. É a parte e o elemento principal de sua arquitetura.

Assim como os tupinambás, esta casa antropófaga celebra a diferença no seu corpo. Abre a porta para o outro (na lógica neoliberal, seu rival e inimigo), e reverencia sua diferença.

Para a minha primeira pesquisa onde pensava sobre liberdade e risco, criei métodos que mais pareciam “rituais” para desenvolver a empatia e a intimidade entre as pessoas e o lugar. Além de entregar as chaves da casa para o artista no primeiro dia, tentava fazer com que minha presença não fosse percebida nas primeiras semanas e convidava para uma conversa informal pela casa algum tempo depois. Esses “método-rituais” ao proporcionarem conforto e inclusão, levava o artista a expor sua diferença mais radical.

Por incluirmos a metodologia na nossa rotina e vivermos a pesquisa, semelhante a um ritual antropofágico, gravamos a alteridade do outro no nosso corpo e gravamos nossa alteridade no corpo do outro.

E deixar-se gravar pela alteridade é experimentar um processo de desconfigurar-se e reconfigurar-se, de desterritorializar-se e territorializar-se, como foi pular o muro. Pela diferença há um deslocamento, e “não se trata de uma relação exclusiva com o espaço (uma mudança de local) e sim de uma reorganização signíca que cria novas metáforas e mediações” (GREINER, 2010, p. 47)⁵⁰, reafirmando a matéria deste território: a relação entre diferença, movimento e criação, valor-vida.

Esta relação resulta em um certo efeito que esse lugar, por ser composto por essa substância, produz. Uma casa-máquina que performa uma operação. Uma casa-performance que ao performar, desenha e constrói uma máquina.

Em *The potentials of space commoning. The capacity to act and think through space*⁵¹, Stavrides (2018) aponta para a capacidade humana de produzir espaços e pensar através deles, competência que transcende as realidades vividas. “Os espaços, espaços

⁵⁰ GREINER, C. **O corpo em crise: novas pistas e o curto-circuito das representações**. São Paulo: Annablume, 2010.

⁵¹STAVRIDES, S. *The potentials of space commoning. The capacity to act and think through space*. In: DOCKX, N.; GIELEN, P. (eds.) **Commonism: a new aesthetics of the real**. 1ª edição. Amsterdam: Valiz, 2018.

concretos vividos, são obras (o resultado do trabalho), mas também os meios para moldar possíveis mundos futuros” (STAVRIDES, 2018, p. 350, tradução nossa).⁵²

Para criar mundos diversos é preciso “potencializar espaços” (STAVRIDES, 2018), isto é, criar ‘novos rearranjos espaciais’ dentro de espaços reais já existentes, para que se renovem modos de relação, já que espaços são meios que inventam e reinventam relações sociais.

O “potencial está intimamente conectado à desorientação” (STAVRIDES, 2018 p. 349, tradução nossa)⁵³, é uma força prefigurada que antecede a qualquer ordem, e que por isso compreende todas as possibilidades.

Para potencializar esses mundos compartilhados, o que significa desafiar seu significado e seu poder de apresentar a distribuição do sensível como uma condição incontestável da vida, as pessoas precisam ativar os potenciais do comum. E isso equivale essencialmente à libertação da comunhão do comando capitalista. (STAVRIDES, 2018, p. 350, tradução nossa)⁵⁴

Ativar a potencialidade de um espaço é abri-lo à experimentação coletiva, é abrir o campo para a construção de outras estruturas de relações entre sujeito coletivo e espaço.

A luta por uma organização fluída, que se travou desde a fundação deste território, o potencializou, tornando-o livre para que se possa performar aqui uma nova territorialidade. Empreender a desobediência promove a desorientação, a potência, a força inaugural de todas as possibilidades.

Durante seis anos, inúmeras vezes, tive a certeza de que minhas ações e minhas escolhas permitem outras ações e escolhas, e performam o espaço de tal forma a conduzir o fluxo. Acelerar, diminuir, reverter. Coreografar. Trocar um móvel de lugar, tirar uma árvore e plantar outra, organizar uma agenda de uso, criar espaços no ambiente, colocar uma música, abrir janelas ou portas, pronunciar negativas, instalar uma luminária, armar encontros, fazer conexões, estabelecer limites, instalar uma cortina, entregar o choro, adotar um novo gato, demonstrar a raiva, promover eventos, criar e aliviar tensões, jogar um sorriso pela janela da cozinha, convidar para um chá, tudo muda o lugar

⁵² STAVRIDES, 2018. Original: “Spaces, concrete lived spaces, are works (the result of labour), but also the means to shape possible future worlds [...]”

⁵³ STAVRIDES, 2018. Original: “Potential is intimately connected to disorientation”.

⁵⁴ STAVRIDES, 2018. Original: “To potentialize those shared worlds, which means to challenge their meaning and their power to present the distribution of the sensible as an indisputable order of life, people have to activate the potentials of commoning. And this essentially amounts to the liberation of commoning from capitalist command”.

potencialmente, propõe, incita, sugere, seduz, cria linhas de força, move, transforma. Sinto que performo um lugar, que crio condições para ele se revelar.

Performar espaço, performar através do espaço, é estar sempre aberto para descobrir o espaço através da performance, assim como um dançarino descobre possíveis movimentos dançando e um ator possíveis gestos agindo ou ensaiando. Ao performar o espaço, podemos transformar espaços já existentes. Performar espaço significa, na verdade, performar relações sociais, experimentá-las como realidades desdobradas concretas, e não como definições abstratas de identidades sociais. E essa é uma maneira de viver a potencialidade pela criação. (STAVRIDES, 2018, p. 351, tradução nossa)⁵⁵

Performar este lugar projeta uma espécie de aparelho, desenha circuitos, sensores, engrenagens, eixos, correias, alavancas. O que performamos é uma máquina. Uma casa-território-máquina que performa uma certa operação. Operação que tem como efeito produzir e permitir o movimento resultando em criação. Criação como ato que incita e multiplica vida.

⁵⁵ STAVRIDES, 2018. Original: “Performing space, performing through space, is always open to discovering space through performance, much like a dancer discovers possible movements by dancing and an actor possible gestures by acting or by rehearsing. By performing space, we may transform actually existing spaces. Performing space actually means performing social relations, it means experiencing them as concrete unfolding realities, rather than as abstract definitions of social identities. And this is a way to live potentiality by creating it”.



Na primeira foto, a performer Inaê Moreira, moradora da casa, e Heitor em junho de 2018.
Na segunda, Heitor e Inaê em primeiro plano, eu e Antonio atrás.⁵⁶

⁵⁶ Fonte: Acervo pessoal da autora.

Na casa há um intenso trânsito de informações, que se avoluma pela entrada e saída de pessoas, que mudam a cada turno e a cada dia da semana.

A menina que mostrou os seios e pintou a bandeira; o cineasta que voltou quatro anos depois; o menino surdo que brincou de esconde-esconde; o professor americano que dormiu com o gato; aquele que construiu uma colcha para registrar os sonhos; a noite que dormimos com a colcha; a escritora viciada em heroína que chorou no jardim; a Dj que gritou com o outro porque não queria parar de tocar; a moradora que nunca dormia em casa; a ativista arrogante; o artista que tomou me pela primeira vez e não foi embora; aquele outro que foi agredido na rua e raspou as pernas no chuveiro; a atriz que pediu dinheiro emprestado e não lavou a louça; as mulheres que despedaçavam plantas; a outra que deixava o gato fugir; o ator com a jaqueta prateada; a menina que trazia uma mala enorme; aquela artista que introduzia pedras na vagina depois de queimá-las; uma performer síria viciada em games; o trompetista que vinha de saia e plantava bananeira; a argentina me convidava para tomar mate; o italiano me repreendeu por lavar a cafeteira; a australiana comprava favos de mel no bairro Ipiranga; os viajantes do fusca vermelho; a mulher com cicatriz no peito; a que sempre beijava no jardim; a cantora que deveria entender tudo e não entendeu nada; a bailarina de cabelos brancos; a delicadeza daquela que chegou depois; as fofocas daquele que não quis ir embora; o artista esguio que nunca finalizou o trabalho; a curiosidade daquele que me ajudou a sonhar a casa; o casal apaixonado que morava na Kombi e esperava um bebê; a produtora que me fez chorar; o menino que vinha de bicicleta e vomitava depois de comer; o dia em que o Heitor improvisou no jardim com um bailarino.

Um contingente de novas informações invade nossa casa todos os dias provocando desordem.

Se olharmos para esta casa-território-máquina como um ‘sistema’, uma vez que “sistema é um conjunto de elementos em interação, orientado em direção à realização de objetivos” (GREINER, 2005, p.57)⁵⁷, e se recorrermos à segunda lei da termodinâmica⁵⁸, veremos que ao introduzirmos nova informação geramos instabilidade que produz desordem, no sentido de uma outra ordem. Portanto nossa casa-máquina por ser um sistema instável, incita novas organizações e possui alto nível de potencial energético.

⁵⁷ GREINER, C. **O corpo: pistas para estudos indisciplinados**. São Paulo: Annablume, 2005.

⁵⁸ A Segunda Lei da termodinâmica trata da transferência de calor de um sistema para o outro de forma espontânea devido à sua diferença entrópica.

Toda a vez que o portão se abre para o outro, um novo fluxo de informação adentra nosso sistema-casa tornando-o instável, provocando desordem que resulta em ‘movimento’ e ‘sinergia’. O território perde definição informacional, mas ganha em qualidade, tudo se torna mais complexo e mais rico.

A análise feita por Christine Greiner (2016), que parte do conceito de “marcador somático”, criado pelo neurologista António Damásio (1994), para pensar sobre alteridade, movimento e criação, é outro instrumento teórico que ajuda a explicar este estado cinético da casa, esta operação que se efetua no seu interior:

Pode-se considerar, então, que a experiência da alteridade que lida com tudo que não é *o mesmo*, esse outro estado, ativado por alguma coisa, alguém, alguma circunstância ou ideia diferente, se constitui como um dos nossos principais operadores do movimento. (GREINER, 2016, p. 319, tradução nossa).⁵⁹

Diante de uma nova informação, o corpo responde com uma alteração de estado. A alteração, que ‘marca’ um certo fluxo cerebral, que mapeia essa mudança corporal, é chamado por Damásio (1994) de “marcador somático”. “Quando isso acontece o corpo pode rejeitar imediatamente a situação desconfortável ou optar por outras alternativas.” (GREINER, 2016, p. 32)

O corpo, ao optar por outras alternativas, engendra algo que Damásio (1994) denomina de “gerador de diversidade”, que, segundo Greiner (2016), é ‘uma abertura a outros campos de percepção’. O corpo aprende a lidar com a diferença se abrindo para outras maneiras de capturá-la e entendê-la. Uma nova informação provoca uma mudança de estado corporal que pode ser um ativador para gerar pensamento.

Nesta casa-máquina, as informações novas que penetram nos muros, passeiam pelo ambiente e incitam corpos a jogar, são ativadoras de pensamento. A diferença que entra pelo portão produz movimento que gera pensamento e cria novas ideias.

Mas para que essa operação se execute, esta casa-máquina além de produzir movimento, precisa lhe dar o direito de continuar a fluir. Ativar o movimento e permitir que ele aconteça. Defender o fluxo natural das coisas.

⁵⁹ GREINER, C. Alteridad como estado de creación. In: ROYOS, V.; AGUILLÓ, D. (orgs). **Componer el plural**: escena, cuerpo, política. Barcelona: Ediciones Polígrafa, 2016. p. 317 – 338. Original: “Puede considerarse, entonces, que la experiencia de la alteridad que lidia con todo aquello que no es *lo mismo*, ese estado otro, accionado por algo, alguien, alguna circunstancia o idea diferente, se constituye como uno de nuestros principales operadores del movimiento”.

Para que o movimento perpetue, neste caso, para que essa nova informação faça brotar outras maneiras de enxergar o mundo, é preciso abrir-se para a alteridade. Não ‘rejeitar a situação desconfortável’, ao contrário, vivê-la, dizer sim para o jogo que se estabelece. Para permitir o movimento é preciso dizer sim.

É importante pensar no exato momento em que, ao ter contato com o desconhecido, o corpo escolhe por consentir o jogo e abrir-se, ou negar e fechar-se para esse ‘outro’. O que é necessário para que se diga sim?

A “Casa Líquida”, a ação performativa que executo há seis anos, me proporcionou experimentar, com meu corpo, um estado de abertura e disponibilidade radical. Durante todo o dia e também a noite, todos os dias e noites da semana, espero alguém entrar pelo portão. Todos os artistas que usam a casa têm uma chave. Eles chegam para ensaiar no horário marcado, mas também para pegar alguma coisa esquecida na sala ou para deixar algum pertence, cenário, instrumentos, em horários diversos. Se estou no meu quarto, no andar de cima, vou até a janela para ver quem entrou, no intuito de trocar um aceno ou conversar um pouco, outras vezes, só percebo que alguém chegou e decido não interagir. Mas ouvir o portão da entrada abrir nunca é uma surpresa e sempre me causa felicidade, além de uma curiosa sensação de estar protegida. Assim como eu, Heitor, Antonio, e os artistas que moram aqui, também experimentam esta abertura corporal para o jogo, em menor ou maior grau.

Greiner (2008), me ajuda a entender esse estado que sinto, quando apresenta a noção de “presença do corpo”.

[...] o modo de presença no mundo seria ainda uma forma única de atenção sensível, uma disponibilidade total, um acordo imediato com as coisas e as pessoas que ali estavam ou com os pequenos acontecimentos que se encadeavam uns aos outros e, deste modo, construíam a própria trama de uma narrativa sem outra preocupação a não ser aquela do instante que estaria por vir. (GREINER, 2010, p. 93)

O nosso ‘sim, pode entrar’, é uma condição para que todo o movimento comece, o “sim, vamos jogar” uma permissão para que ele possa fluir.



Heitor assistindo a uma performance em maio de 2017.⁶⁰

Mas para que essa experiência se efetue e essa operação se execute todos os corpos envolvidos nela precisam se abrir para a alteridade. O ‘sim’ precisa ser coletivo.

Em 2017 colhi áudios de trinta artistas que trabalhavam na casa, o objetivo era usá-los como objeto de análise nas reflexões que, na época, fazia sobre criação. Nos áudios estes artistas relatam seus processos e descobertas na casa. Trago para esta dissertação dois deles.

Áudio da artista Manuela Eichner feito em 07/07/2017:

<https://www.youtube.com/watch?v=u1uvy7PJeOo>

Áudio da artista Elisabete Finger feito em 14/04/2017:

<https://www.youtube.com/watch?v=VWv--rt4vU>

O fato deste lugar ser uma ‘casa’, um espaço doméstico, aliado aos “métodos-rituais” usados para criar empatia e intimidade aplicados no início da pesquisa, faz com que moradores e artistas desenvolvam fortes vínculos com o lugar e entre eles. Isso gera

⁶⁰ Fonte: Acervo pessoal da autora.

uma sensação de liberdade e segurança para ‘correr riscos’. Não ter medo, arriscar, dizer sim.

Quando se diz sim o movimento flui. O sim é a aposta oposta do medo. Não ter medo é desobedecer.

Este território, além de produzir movimento, constrói condições para que ele flua, há um esforço para diminuir entraves que possam imobilizá-lo. Olhando por essa perspectiva proponho que a casa é também um ‘contradispositivo de poder’.

[...] o dispositivo é um vínculo que compreende e atrela as relações de poder; as resistências, por sua vez, podem funcionar como contradispositivos na medida em que, por meio de um movimento comum, não cessam de inverter, recusar, reorganizar e perverter o seu funcionamento. (ALVIM, 2012, p. 81)⁶¹

Mas forças de resistência, ao direcionar forças ‘contra um dispositivo’, atuam para defini-lo e afirmar seu poder, pois, dispositivo e resistência só existem a partir da relação que se constrói entre eles. Um precisa se referenciar no outro, um necessita do outro para existir.

A resistência torna-se contradispositivo “quando, menos do que atacar uma manifestação precisa, ela afeta a própria circulação de poder no dispositivo, desestabilizando sua ação administrativa.” (ALVIN, 2012, p. 83).

Ao invés de somente agir na direção contrária, é preciso que as linhas resistentes atuem a ponto de confundir, desarmar, minar possíveis configurações. Desestabilizar o funcionamento, reverter a circulação. “Toda a linha de resistência comporta essa ameaça virtual: inventar um contradispositivo por contaminação, perfuração ou fuga.” (ALVIN, 2012, p. 83).

Esta casa-território-manifesto é uma linha de resistência porque contraria a lógica do seu entorno. Em São Paulo, na zona oeste, uma mulher divorciada, mãe de dois filhos, que abre sua casa para desconhecidos e lhes entrega as chaves para que possam usar seu espaço doméstico, sem regras prévias e sem pagarem nada pelo uso, caminha contra a lógica do medo e da defesa de fronteiras que prevalece na vizinhança. Se eu morasse em outro lugar, com características distintas ou com costumes e hábitos diferentes, talvez essa ação não se configurasse como resistência por não se relacionar de forma a confrontar os discursos constituídos. Mas, além de resistir, este lugar também atua como um ‘contradispositivo’, porque esta ação não só sinaliza uma força contrária, mas por

⁶¹ ALVIM, D. M. O que é um contradispositivo?. **Cadernos de Subjetividade**. n. 14, p. 78 - 85, 2012.

possuir caráter líquido, permeável, efêmero, móvel, ela envolve, mina, desarma, afrouxa estruturas, desestabiliza, confunde, subverte a circulação.

A casa ‘não reafirma’ regras e códigos de um lugar doméstico e privado, nem de um “espaço alternativo” para ensaios ou de uma residência artística; ao experimentar a casa, você se ‘questiona’ sobre eles, você “ensaia”, testa outros modos de se relacionar no e com o espaço e, conseqüentemente, outros modos de se relacionar com o outro.

18/10/2019

Na cozinha, Manu, artista que nasceu em Arroio do Tigre, no sul do Brasil, troca experiências culinárias ou de outra ordem com a Yara, performer síria que está no Brasil porque se apaixonou pelo país e por um brasileiro. Heitor, aos quatorze anos, em meio ao turbilhão de descobertas sobre a vida, troca impressões com a prima de trinta e quatro as gargalhadas na penumbra do quarto. Natasha, uma artista do Pará, enquanto me espera no jardim conversa com a Amanda, uma artista nipo-brasileira que desenha e pesquisa fios de cabelo e que namora outro artista, o Thiago, que uma vez por semana faz uma projeção no muro. Tudo isso enquanto Antonio, abraçado no gato, faz lição na mesa da sala. (FELDENS, 2019)⁶²

Essa espécie de coreografia que se cria no ambiente torna visível estes encontros e ‘o que excede’ deles. Informações que se cruzam e atravessam diferentes corpos, vidas trombadas que se colocam em xeque, tensões, embates, histórias que inspiram outras. Atrito, fricção. Uma sinergia de corpos que produz mais do que a soma de suas partes. Uma intensidade que pode ‘criar variedade’ de experiências além da capacidade de um indivíduo.

A operação que este território-máquina executa, a partir da diferença-informação, produz e catalisa movimento, e conserva sua trajetória livre. Seu caráter cinético permite ter a ‘criação’ como efeito de sua operação. A criação, o valor-vida, é o resultado desta equação.

⁶² Trecho retirado de um diário que comecei a escrever em junho de 2019.



Antonio, no intervalo do ensaio da performance dos artistas Ernesto Filho e Léo Barbalho, em julho de 2017.⁶³

⁶³ Fonte: Acervo pessoal da autora.

A vida acontece, se consolida e perpetua no movimento do encontro, dos esbarramentos, da contaminação e do que reverbera disto. A vida se multiplica na experiência corporal com o outro e com o ambiente, na troca; é nesse engendramento que se criam novas ideias.

A Teoria Corpomídia⁶⁴, me auxilia na reflexão sobre essas trocas e engendramentos ao considerar corpo e ambiente sistemas abertos e processuais cuja relação se dá “por processos co-evolutivos”⁶⁵

Corpos modificam ambiente e são modificados por ele, num processo de troca, contaminação e reinvenções; novas articulações que engendram outras possibilidades. O corpo não é um recipiente onde se depositam informações externas, “todas as informações que chegam entram em negociação com as que já estão [...], o corpo é o resultado destes cruzamentos” (GREINER, 2005, p. 131).

Uma vez contaminado por uma nova informação, uma pequena oscilação, traduzida em atividade elétrica no neurônio, corre pelos axônios, levando esse estímulo que começou no cérebro até os nervos periféricos do corpo, desencadeando uma transformação sensório-motora. Uma sensação. Este estado corporal que nos toma será o responsável pela resposta que daremos ao ambiente em forma de ação. Assim, “o movimento configura-se como uma resposta à sobrevivência” (GREINER, 2005, p. 65). E estas informações que passam pelo corpo são transformadas por ele; corpo modifica informação e as apresenta ao ambiente numa outra forma, mudando também seu entorno: “[...] no momento em que a informação vem de fora, as sensações se colocam sempre “em relação a”, criando conexões [...]. Os diferentes estados corporais modificam o modo como a informação será processada” (GREINER, 2010 p. 96).

Por esta análise, podemos afirmar que o corpo vive “em uma eterna zona de indistinção entre o dentro e o fora, o privado e o público. Isso porque a cognição depende da experiência corporal” (GREINER, 2010, p. 96).

⁶⁴ Teoria formulada por Christine Greiner e por Helena Katz, que se apoia numa leitura do corpo através de uma ótica “indisciplinar”.

⁶⁵ Esta expressão “deriva do termo darwiniano co-adaptação ou co-opção” termo utilizado pela primeira vez por Peter Raven e Paul Erlich (1964), para explicar a relação co-evolutiva entre borboletas e plantas hospedeiras de suas crisálidas, observando como uma modifica a outra. (GREINER, 2005, pág. 51)



Heitor na casa em outubro de 2017.⁶⁶



Heitor na casa em outubro de 2020.⁶⁷

⁶⁶ Fonte: Acervo pessoal da autora.

⁶⁷ *Idem.*

Desde o início da pesquisa conduzi minhas reflexões por meio do pensamento de autores que compreendem o mundo, e o que nele existe, como uma comunidade de movimentos, um fluxo processual; seria impossível desenvolver esta análise se partisse de uma ideia de indivíduo e corpo como algo impenetrável, estabilizado, fixo. Pelo contrário, foi preciso pensar e viver a partir da ideia de que corpos não são substâncias, mas são as relações que eles fazem entre si.

Se pensarmos indivíduos e culturas de um ponto de vista não substantivo, a própria noção de *outro* torna-se fictícia, porque a dicotomia entre eu e o outro não existe de fato, a não ser como resultado dos dispositivos de poder que apostam nas identidades congeladas. (GREINER, 2017, p. 41)⁶⁸

Libertamos todos os corpos, da relação de poder que se instaura, quando se entende relações com a existência de um sujeito e um objeto.

Abolir dicotomias como dentro-fora, sujeito-objeto, é imprescindível para entender como as trocas e mudanças se dão num nível processual. Trocas que se evidenciam e se materializam nas alterações do nosso aparelho sensório-motor, nos registros cerebrais das variações no ambiente. As relações que se iniciam a partir de tais eventos e as nossas respostas a eles, constroem nosso repertório sógnico.

Ideias são ferramentas para entender o mundo, mas também combustíveis para criar novos. Ideias são ativadores de ideias. São fagulhas. Faíscas que precedem explosões.

Greiner, que parte da pesquisa dos filósofos Mark Johnson e George Lakoff (1987) acerca dos processos de significação e da produção de ideias para compreender melhor a relação corpo e mundo, me ajuda a ampliar minha compreensão sobre as possíveis relações entre movimento, vida e criação.

Johnson (1987) já havia dito que a significação ocorre a partir da interação entre nosso aparelho sensível e as coisas do mundo (objetos, eventos, pessoas), dependendo, fundamentalmente, de uma dimensão coletiva: “Nossa comunidade nos ajuda a determinar a natureza de nossa compreensão sempre coerente com a do mundo ao nosso redor” (GREINER, 2005, p. 43). Mas foi através da parceria com Lakoff (1980) que chegou ao entendimento que todo nosso sistema conceitual é gerado por uma operação, que até então só era conhecida por nomear uma característica da linguagem, a ‘metáfora’.

⁶⁸ GREINER, C. **Fabulações do corpo japonês**. São Paulo: N-1 edições, 2017.

Uma vez que “metáfora”, em sua etimologia carrega a ideia de “transferência ou transporte”, os autores propõem que nosso sistema conceitual é metafórico por natureza, pois, para construir uma ideia, “transferimos” informações processadas em uma experiência para a outra. “O conceito metafórico é um modo de estruturar parcialmente uma experiência em termos da outra” (GREINER, 2005, p. 46). E isto é feito nas vivências do dia a dia.

Construímos conceitos na diversidade das experiências cotidianas, “o modo como pensamos e agimos, o que experimentamos e o que fazemos em nosso cotidiano, tudo é matéria metafórica” (GREINER, 2005, p. 44).

Esta conexão entre movimento, vida e criação, apontada por Greiner (2005), também aparece, de forma diversa, nos estudos ontogenéticos de Gilbert Simondon (1964) que reconhecem o indivíduo como um ser que não vive um equilíbrio estável, estando sob constantes reinvenções.

O equilíbrio estável corresponde ao mais baixo nível de energia potencial possível; ele é o equilíbrio que é atingido em um sistema assim que todas as transformações possíveis foram realizadas e não existe mais força alguma; todos os potenciais se atualizaram, e o sistema, tendo atingido seu mais baixo nível energético, não pode mais se transformar. (SIMONDON, 2011, p. 3)⁶⁹

O indivíduo vive “metaestabilidades” e nunca uma estabilidade radical, portanto, não existem indivíduos na sua completude, mas, sim, “processos de individuação”. O indivíduo, durante sua vida, se constitui por fases num movimento infundável de ‘recriar-se’ que Simondon (2011) nomeia de “transindividuação”.

Para Simondon (2011), a energia que garante esta ininterrupta transformação está em um nível “pré-individual”. ‘Pré’ não por ser anterior, mas por estar presente em todas as fases que compõe o indivíduo, por ser imprescindível ao processo.

Pode-se supor que a individuação não esgota toda a realidade pré-individual, e que um regime de metaestabilidade é não apenas mantido pelo indivíduo, mas sustentado por ele, de modo que o indivíduo constituído carrega em si uma certa carga associada de realidade pré-individual, animada por todos os potenciais que a caracterizam (...). Posto que associada ao indivíduo, a natureza pré-individual é uma fonte de estados metaestáveis futuros de onde poderão surgir novas individuações. (SIMONDON, 2011, p. 5.)

⁶⁹ SIMONDON, G. Introdução. In: SIMONDON, G. **A individuação à luz das noções de forma e de informação: introdução**. Campinas: CTEMF, 2011, p. 23 – 35.

O pré-individual é a fase em que se constitui a “base da realidade coletiva” é a existência de um reservatório de possibilidades, de uma coletividade em nós. É o pré-individual que alimenta a chamada individuação; é o que nos incita ao movimento. E é o nosso encontro com esta estância coletiva que nos atualiza e nos reconfigura. Cria outros de nós.

Este território desenvolve uma operação cujo efeito é multiplicação de vida e sua propagação. Estender, dilatar até contaminar o que dela tem pouco. Injetar vida, reanimar, acender. Impulsionar o movimento, refratar, criar vida nas suas infinitas cores nuances e matizes. Transbordar. Essa operação permite uma certa ‘economia do movimento’.

4 A ECONOMIA DO MOVIMENTO



Elisabete Finger dirigindo as intérpretes de *Monstra*, março de 2017.⁷⁰

⁷⁰ Fonte: Acervo pessoal da autora.

Para entender a economia que essa casa- território gere é preciso lembrar que valor e vida estão ligados na origem. Colocamos valores nas coisas com a intenção de seguirmos vivendo. Construimos sistemas de valores que resultam em determinadas organizações que supomos ser indispensáveis para a continuidade da vida. Se fizer um paralelo com a esfera biológica do ser humano diria que ‘valorar é uma espécie de homeostase externa’ que, assim como a interna, empreende uma “negociação” com o meio através de mecanismos de regulação interrelacionados, para manter as condições necessárias à vida. Valorar assim como a homeostase, tem como resultado o movimento, os fluxos, os volumes, velocidades, circulação.

O capitalismo e seus estágios cada vez mais capciosos e perversos desconectaram essa relação genuína entre valor e vida. Transformaram o valor pela vida em valor de troca, coroou o dinheiro como seu pálido representante, seu irmão morto, e transformou a busca pela vitalidade em propaganda, em narrativa publicitária. Marx (2017) apontou o momento exato em que o valor perde sua dimensão qualitativa, singular, vital e se reduz, se descomplexifica, se torna uma repetição do mesmo. Para trocar coisas, seus valores (de troca) precisam ser reduzidos a unidades equiparáveis, iguais, toda a diferença precisa ser aniquilada. Essa parece ser a condição primeira para o desenvolvimento do mercado e a base para a produção da nossa subjetividade. Como Massumi (2020) entrega, o neoliberalismo é um “traço ontológico do humano”. Somos moldados na origem, na formação, para seguirmos a mesma conduta e reafirmar esta organização política, econômica e social. Nossa luta não é para perpetuar nossa vida, mas a vida do sistema, daquilo que nos oprime. Nossa luta é anti-vida.

Mas como produzir esta reconexão, devolver o equilíbrio? Como injetar vida neste valor sequestrado? Como produzir mais-valor que resulta em multiplicidades e não ao acúmulo do mesmo?

A relação entre diferença, movimento e vida nos revela um caminho potente para destronar a ordem vigente da construção de sistemas e produção de valor. A diferença impulsiona o movimento que possibilita criação, ou poderia dizer que variedade impulsiona movimento que gera variedade. Variedade é abundância.

Variedade e vida estão numa relação de dependência mútua e de reciprocidade. Vida é e gera variedade, assim como o inverso também é verdadeiro. E o movimento é a condição de suas existências.

A economia do movimento é uma tentativa de reestabelecer uma homeostase, é reativar fluxos, criar afluentes, possibilitar escoamentos, reaver a circulação. Nesta economia-homeostase desta casa-corpo o movimento reequilibra a porção vital do valor. Possibilita a produção de um mais-valor que se refere a multiplicidade e não a multiplicação do mesmo.

A auto-organização desta casa-corpo-máquina permitiu que se gerasse uma economia-homeostase-operação, que se utiliza do movimento, produzido pela coletividade, para refazer uma conexão entre valor e vida, entre dinheiro e abundância.

Lembro da frase-desejo lançada lá no início, nas redes sociais, que inaugurou a Casa Líquida e tudo o que viria depois dela. De fato, o que mais quis, durante todos esses anos, foi conhecer pessoas. As mais diferentes possíveis umas das outras. O que mais me estimulava era quando pessoas que eu não conhecia me procuravam para usar a casa. Quando o trânsito de artistas aumentou, e por causa disso tive que escolher quem usaria o espaço, meu único critério era que houvesse naquele artista algo totalmente desconhecido para nós. Uma prática, um hábito, uma mania, um cheiro, o modo de vestir, a maneira de falar, o modo de socializar, o jeito de amar. Alguma coisa nova com que teríamos que lidar. Essa minha obsessão pelo que a rede pode nos trazer de desconhecido, produz um caldo de variedade que transita pela casa se atravessando, causando atritos, fricção, cruzamentos, contaminações, fusões.

Durante todo o tempo, o meu trabalho e a minha atenção se concentram na tentativa de criar um ambiente seguro, íntimo e confortável para que todos se sintam à vontade para correr riscos e livres para interagir. Pois, com o passar do tempo fui entendendo que quanto mais dispostos todos nós estamos para se aventurar em uma experiência coletiva, mais feliz é a convivência e mais potente se torna o processo artístico dos que criam na casa.



Na foto acima, João e Bruna⁷¹ em 2019. Abaixo, Vicente⁷² em 2020 e Ayla em 2018.⁷³

⁷¹ João e Bruna viajam pela América do Sul numa kombi e moraram na casa entre outubro de 2018 e janeiro de 2019.

⁷² Vicente Otávio é fotógrafo e mora na casa desde 2018.

⁷³ Fonte: Acervo pessoal da autora.

Fui entendendo que a disponibilidade para o outro e para o jogo eram elementos indispensáveis para que algo muito especial acontecesse. Algo que hoje entendo ser o produto desta economia. Aquilo que jamais aconteceria na experiência individual. Algo que só tem valor na experiência coletiva.

Existem artistas que entendem facilmente esta dinâmica e o valor que existe nela, o que possibilita que se estabeleça o improviso, uma conexão prolífica que irá resultar na construção de um ambiente criativo. Mas existem outros que não entendem o propósito do lugar e se mantêm numa atitude individual, com estes os encontros não acontecem. A relação se mantém protocolar e previsível. Passamos o tempo em uma relação respeitosa, porém esperada. Destes últimos não tenho saudades, em geral não são boas experiências para mim, nem para os outros que moram na casa. Ao contrário, quase sempre me sinto invadida e muito triste. É como se tudo perdesse o sentido e me questiono sobre minhas escolhas. Como se o que tivesse que acontecer não acontecesse. Relendo meu caderno de notas encontro esta passagem:

“[...] E estou feliz por perceber que cada artista é uma experiência diferente que traz pro lugar. Se alguns trazem dúvida, outros reafirmam e me encorajam. O Felipe reafirma, o Laerte reafirma. A Bete reafirma. A Inês reafirma. O Marcelo reafirma e me encoraja a ir profundo. O Vicente reafirma. O Vicente reafirma o tempo inteiro”. (FELDENS, 2019)

Quando escrevo que alguns “reafirmam” e outros instauram “a dúvida”, quero falar sobre estes estados de disponibilidade e jogo que é preciso que se afirmem ao adentrar a casa. É impossível ficar passivo diante das condições que se apresentam. Um lugar tão íntimo, a casa de uma mãe e seus dois filhos, onde não existem regras prévias nem qualquer pagamento pelo uso, obriga você a escolher entre se abrir para aquela experiência ou se fechar para aquela ação pouco comum. E ao se abrir você permite e promove uma improvisação coletiva, uma sinergia que por fricções produz intensidade e prefigura novas operações e funções.

As composições de diferenças que contém uma coletividade, e isso compreende fatores pessoais (singularidades, idiossincrasias), e fatores suprapessoais (memória coletiva, alusões culturais, hábitos, estilos) (MASSUMI, 2018), produzem desordem, deslocamentos dentro do campo, criando outras organizações.



Heitor e Antonio experimentando tocar instrumentos, no intervalo do ensaio da banda *Oto Gris*, em julho de 2016.⁷⁴

⁷⁴ Fonte: Acervo pessoal da autora.

A Casa Líquida como território e experiência, produz, através da economia que ela gere, ‘técnicas de relação’, isto é, “modos de condicionar, fazer disparar e sustentar uma coletividade”. (MASSUMI, 2018, p. 186)

O coletivo que improvisa torna-se coletividade, a coletividade é a variedade que impulsionará o movimento, que conduzirá ao processo, que gerará mais variedade. Criação. A Casa Líquida torna-se assim produtora de vida. E o lugar que ela performa, uma reserva desta vitalidade.

A economia do movimento na sua operação, injeta vida e a prolifera. E recoloca a noção de ‘riqueza’, ressignificando-a.

Esta casa-território-máquina-manifesto pode existir porque houve um capital-dinheiro investido. No meu acordo de divórcio, ficou acertado que tenho como posse uma casa e o dinheiro necessário para manter esta casa por dez anos. Isso me permite direcionar todo a minha força de trabalho para performar, criar e gerir este lugar. Portanto, foram minhas escolhas, mas também um capital dinheiro, ambos em aliança, que impulsionaram esta aventura e possibilitaram a construção desse “reservatório de vida”. Olhando para isso entendo que esta economia do movimento expõe e demonstra a diferença que existe entre usar dinheiro para produzir ‘satisfação’ e usá-lo para gerar ‘intensidade’.

A casa que foi anexada à nossa, em 2019, é mais um exemplo disso. A edificação ao lado foi comprada pelo pai dos meus filhos com o objetivo de gerar mais dinheiro. Uma casa que se localiza numa área da cidade em intenso processo de gentrificação, valoriza a cada ano. A casa que estava se deteriorando há algum tempo produzia mais-valor de troca e rendia ‘mais do mesmo’. Como demonstra Marx (2017), ao obter mais-valor na forma D-M-D (dinheiro-mercadoria-dinheiro), você terá uma diferença ‘quantitativa’ no final. Por exemplo, se o pai dos meus filhos tivesse comprado a casa por 100 este ano, e vendesse no próximo por 300, lucraria 200 da mesma unidade dos 100 que já obtinha. Ao comprar e vender a casa lucraria gerando mais do mesmo, pois lucro não tem a ver com variedade, tem a ver com quantidade maior da mesma coisa. Mas, ao ceder a casa para esta ação coordenada coletivamente, e assim ampliar uma economia do movimento, o imóvel continuará produzindo valor de troca, e também possibilitará a produção de um valor relativo à vitalidade, um ‘mais-valor vida’ onde o ‘mais’ não tem a ver com o mesmo, mas com ‘registro de variedade’, multiplicidades de experiências. O valor de troca gasto com a compra da casa recebe um sopro vital e se reconecta a sua gênese. O dinheiro, o “irmão morto”, se alia a vida, deixa de esterilizar a terra e passa a

adubá-la.

A fórmula do lucro proposto por Marx (2017) em D-M-D, tem o dinheiro como força motriz e fim, tornando esse movimento algo interminável. Dinheiro que produz mais dinheiro num movimento desmedido que resulta em acúmulo. A economia do movimento se propõe ser uma espécie de ‘refrator’, deslocando este capital-dinheiro para um outro fim que não é acumular o mesmo. Capital que refratado, tem como fim engendrar coletividade, proteger a diferença e gerar intensidade.

O capital-dinheiro quando usado para produzir mais dinheiro gera acúmulo, que em geral é usado para o consumo visando a satisfação; satisfação não de uma necessidade vital real, mas de uma produzida pela narrativa da propaganda. Ao ser usado para satisfazer uma necessidade vital produzida artificialmente, o dinheiro provoca a doença do excesso e definha, pois, excesso do mesmo não é excesso de vida. Por sua vez, o capital-dinheiro usado para gerar intensidade explode em variedade e traz abundância, afinal, é isso que acontece quando você gera experiências, você nunca irá criar uma experiência “maior” em quantidade em relação a outra, sempre será uma experiência “única”.

A economia do movimento que essa casa gere, reconecta valor e vida e por refração revitaliza o valor de troca, valor que se converteu quantitativo e pálido nos primórdios do sistema. Economia que serve de refrator, mudando a direção e concentrando a força do capital na geração de vida. Capital que é, por natureza, força propulsora.

Observando por essa perspectiva, a economia do movimento é uma ferramenta, um modo, uma organização para a sustentabilidade da vida no sistema. Sistema que nos reifica, que nos acorda para uma realidade onde “capitalismo e animismo se fundem”, e dessa fusão resultam algumas consequências determinantes como “a possibilidade, muito distinta, de transformação dos seres humanos em coisas animadas, em dados digitais e em códigos” (MBEMBE, 2014, p. 18)⁷⁵. A parte de vida que o sistema nos tira, já no útero, pode ser devolvido a nós.

Podemos pensar que esta economia como “sustentabilidade da vida”, ao invés de propor outra lógica econômica, somente contribui para a manutenção desta, uma vez que serve como uma espécie de “redução de danos” do neoliberalismo, e só adia o ‘fim’, no sentido mais largo do termo. Mas se olharmos com mais entusiasmo, saberemos que

⁷⁵ MBEMBE, A. **A crítica da razão negra**. 1ª edição. Lisboa: Antígona Editores Refractários, 2014.

produzir coletividade é sempre, e antes de tudo, criar perfurações e desestabilizar o sistema. Sistema construído sob os pedestais do normativismo, do individualismo e da competição.



A performer Marina Tenório e o músico Thomas Rohrer na casa em maio de 2017.⁷⁶

⁷⁶ Fonte: Acervo pessoal da autora.

Engendrar coletividades, o que compreende gerar conhecimento e saberes livres, é, especialmente no “capitalismo cognitivo”, como muitos autores se referem à fase atual, uma estratégia arguta para minar e dissolver as estruturas do poder hegemônico.

Neste estágio, o ‘capital humano’ torna-se o motor propulsor da roda da economia, e o conhecimento sua grande força produtiva. Prova disso é que já em 1999, dois terços de toda a capitalização da bolsa de valores americana era através de um capital imaterial, ou “capital inteligência” das empresas listadas. (GORZ, 2005)⁷⁷

Mas este capital imaterial, fluído e móvel destrói valor de mercado com a mesma facilidade que cria, aquilo que gera sua força também é o que deflagra sua fragilidade, pois, “para ser vendido como mercadoria e aproveitado como capital, o conhecimento deve ser transformado em propriedade privada e tornar-se escasso” (GORZ, 2005, 36). O esforço do mercado se concentra em tornar este capital fixo e manejável e para isso é necessário limitar sua livre difusão, “limitar com meios jurídicos (certificados, direitos autorais, licenças, contratos) ou monopolistas, a possibilidade de copiar, de imitar, de “reinventar”, de aprender conhecimentos dos outros” (GORZ, 2005, p. 36). É neste ponto que se concentra o paradoxo, a incompatibilidade do sistema, pois conhecimento não se guarda em cofre, mas se multiplica na livre circulação.

Manter esse capital fixo é custoso e difícil, uma vez que o conhecimento não pode ser contido, aprisionado, represado; ele se alastra, foge, escorre e perde valor. E sua produção só acontece em condições opostas ao que o sistema, através do seu aparato biopolítico, engendra. A força produtiva do capitalismo do saber depende da atividade coletiva, de uma coletividade que sua própria lógica arruína.

Esse nó, produzido por uma contradição no seu cerne, obriga a recolocarmos a noção de riqueza no centro das discussões. Como Marx (1953, p. 387 apud GORZ, 2005, p. 62) já havia questionado, “o que é riqueza senão a universalidade, produzida na troca universal, das necessidades, das capacidades, das satisfações, das forças produtivas, dos indivíduos?”. As capacidades humanas não como o ‘meio’ de produzir riqueza, mas sendo riqueza, ela mesma.

Esta economia do movimento que esta casa-território-máquina-corpo-manifesto gere, também, de um modo especial, questiona a ideia de riqueza. O que é abundância? Em que condições ela se cria?

⁷⁷ GORZ, A. **O imaterial: conhecimento, valor e capital**. 1ª edição. São Paulo: Annablume, 2005.

A vida é uma grande força metamórfica cuja potência inesgotável é intrínseca. Esta casa e toda a dinâmica que se construiu na desobediência, não só minimiza os efeitos da força contrária de um poder hegemônico, mas pelo empuxo, criado por resistência a esse poder, facilita à vida prosperar.

Na insurreição pulei o muro, e fundei uma casa-útero que serviria para gerar aquilo que em mim minguava. A maternidade que se manifestava em fúria engendrou um território de afeto. Como o órgão feminino, esse lugar recebe, acolhe e transmuta, inventando assim a economia do acolhimento.

A curto prazo, esta economia sustenta a vida. Em um prazo longo, pode servir para incitar o seu próprio transbordamento. Verter em abundância até romper as grades da arapuca, estilhaçar a armadilha e espalhar fagulhas que resultarão em outras implosões. Esta casa prena, esta organização em gestação, esta economia feminística teve início na ação de pular um muro e culminará na ação de explodir todos eles.

REFERÊNCIAS

- ALVIM, D. M. O que é um contradispositivo?. **Cadernos de Subjetividade**, n. 14, p. 78 - 85, 2012. Disponível em: [O que é um contradispositivo? | Alvim | Cadernos de Subjetividade \(pucsp.br\)](#). Acesso em: 12 de março. 2021.
- BOLTANSKI, L e CHIAPELLO, E. **O novo espírito do capitalismo**. 1ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- BUTLER, J. **Relatar a si mesmo: crítica da violência ética**. São Paulo: Editora Autêntica, 2015.
- CASA LÍQUIDA. "afeto"- áudio que expõe reflexões sobre a pesquisa feito em 05/05/2018. Youtube. 2021. (3m19s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=twqjBC0tGbY>. Acesso em: 19 mar. de 2021.
- CASA LÍQUIDA. "agora" - áudio que expõe as reflexões sobre a pesquisa feito em 15/04/2017. Youtube. 2021. (2m08s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PHb7NYJHs0w>. Acesso em: 15 mar. de 2021.
- CASA LÍQUIDA. "João" - áudio que expõe as reflexões sobre a pesquisa feito em 11/09/2018. Youtube. 2021. (2m28s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KBBCzOQj8D4>. Acesso em: 15 mar. de 2021.
- CASA LÍQUIDA. "relato da Bete" – áudio que descreve o processo de criação da artista na casa em 14/04/2017. Youtube. 2021. (1m48s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VWv--rt4vU>. Acesso em: 24 abr. de 2021.
- CASA LÍQUIDA. "relato da manu" – áudio que descreve o processo de criação da artista na casa em 07/07/2017. Youtube. 2021. (1m13s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=u1uvy7PJeOo> . Acesso em: 24 abr. de 2021.
- COCCIA, E. **Metamorfoses**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Dantes editora, 2020.
- DELIGNY, F. **O aracniano e outros textos**. 1ª edição. São Paulo: n-1 Edições, 2015.
- DOCKX, N.; GIELEN, P. (eds.) **Commonism: a new aesthetics of the real**. 1ª edição. Amsterdam: Valiz, 2018.
- FERREIRA DA SILVA, D. **A dívida impagável**. 1º edição. São Paulo: Oficina da imaginação política e Living Commons, 2019.
- GORZ, A. **O imaterial: conhecimento, valor e capital**. 1ª edição. São Paulo: Annablume, 2005.
- GRAEBER, D. **Toward an anthropological theory of value: the false coin of our own dreams**. New York: Palgrave MacMillan, 2001.
- GREINER, C. (org.). **Leituras de Judith Butler**. São Paulo: Annablume, 2016.

GREINER, C. Alteridad como estado de creación. *In*: ROYOS, V.; AGUILLÓ, D. (orgs). **Componer el plural**: escena, cuerpo, política. Barcelona: Ediciones Polígrafa, 2016. p. 317 – 338.

GREINER, C. **O corpo em crise**: novas pistas e o curto-circuito das representações. 1ª edição. São Paulo: Annablume, 2010.

GREINER, C. **O corpo**: pistas para estudos indisciplinados. 1ª edição. São Paulo: Annablume, 2005.

GREINER, C. **Fabulações do corpo japonês**. 1ª edição. São Paulo: N-1 edições, 2017.

HARNEY, S.; MOTEN, F. **The undercommons**: fugitive planning and black study. 1ª edição. New York: Duke University Press, 2013.

MANNING, E. **Politics of touch**: sense, movement, sovereignty. 1ª edição. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2007.

MANNING, E.; MASSUMI, B. Interview with Erin Manning and Brian Massumi. [Entrevista cedida a] Marc Todoroff. **SenseLab-3e**, mar. de 2020. Disponível em: <http://senselab.ca/wp2/3e-process-seed-bank/interview/>. Acesso em: 12 out. 2020.

MARX, K. **O capital**: crítica da economia política. 2ª edição. São Paulo: Boitempo, 2017. v. 1.

MASSUMI, B. **99 teses sobre a revalorização do valor**: um manifesto pós-capitalista. 1ª edição. São Paulo: Glac edições, 2020.

MBEMBE, A. **A crítica da razão negra**. 1ª edição. Lisboa: Antígona Editores Refractários, 2014.

MBEMBE, A; GOLDBERG, D. T. In Conversation: Achille Mbembe and David Theo Goldberg on ‘Critique of Black Reason’. [Entrevista cedida a] David Theo Goldberg. **Theory Culture & Society**, Johannesburg, jul. de 2018. Disponível em: <https://www.theoryculturesociety.org/conversation-achille-mbembe-and-david-theo-goldberg-on-critique-of-black-reason/>. Acesso em: 14 out. 2020.

NIETZSCHE, F. **Obras incompletas**. Seleção de textos de Gérard Lebrun; tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres; posfácio de Antonio Candido de Mello e Souza. 2ª edição. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

SABOURIN, E. Marcel Mauss: da dádiva à questão da reciprocidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais** - vol. 23 n°. 66, p. 131 – 138, fev. de 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v23n66/08.pdf>. Acesso em: 12 out. 2020.

SAFATLE, V. **O circuito dos afetos**: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo. 1ª edição. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

SALIH, S.; BUTLER, J. (eds.). **The Judith Butler reader**. 1ª edição. Malden: Wiley Blackwell, 2004.

SIMONDON, G. Introdução. *In*: SIMONDON, G. **A individuação à luz das noções de forma e de informação: introdução**. Campinas: CTEMF, 2011, p. 23 – 35. Disponível em: https://cteme.files.wordpress.com/2011/05/simondon_1958_intro-individuation.pdf. Acesso em: 08 out. 2020.